

Fanzine Literário Bizarrona



edição especial

Julho de 2003

Este fanzine deve ser reproduzido.

Dedicado ao Beleléu.

*Zine literário que beira o perfeito:
textos excelentes, design simples e bem
feito. Divulgue seus textos!*

www.palimpsestonline.hpg.ig.com.br

*Um dos melhores webzines que conheço.
Segundo seu editor, Daniel Gomes, "o
Bizarrona, criado em 1998, tem como
principal proposta ser um espaço aberto
para novos escritores publicarem seus
trabalhos e, principalmente, discutirem
o fazer literário". E que belo espaço,
ora pois.*

www.spamzine.net

*Porcaria na cultura tanto bate
até que fura.*

Itamar Assumpção

Uma edição especial como esta sempre gera diversas dificuldades, seja na seleção dos textos, seja na revisão destes, seja no seu tratamento editorial. A seleção de trabalhos aqui apresentada tenta abranger as diversas fases e os colaboradores mais significantes que passaram pelo fanzine nos cinco anos de sua existência, não se tratando de uma simples e arbitrária escolha de melhores textos ou coisa do tipo. A parte de revisão dos textos escolhidos foi diferenciada, sendo que alguns deles tratam-se de versões inéditas, outros de modificações expressivas e a maioria de simples adequações do texto já publicado. A questão editorial e o tratamento gráfico desta edição seguiram o estilo já adotado nas edições anteriores, porém mais próximo do tratamento dado a nossa versão eletrônica. Deixo nesta página duas epígrafes, que valem mais do que minhas palavras. Deixo também um abraço para todos aqueles que continuam lendo Bizarrona e as boas vindas para os que chegam agora.

Nota do editor

*A literatura é uma atividade
sem sossego.*

Antonio Candido

Prefácio - quem somos e o que propomos

Literatura,
palavra repleta de palavras,
repleta de sentidos e de sentimentos,
repleta de significados e de ideais;
que influenciam a todos nós,
leitores, admiradores, escritores.

Literatura,
palavra repleta de sentidos e de sentimentos,
que dizem sobre o que nos cerca e **quem somos**.

O Fanzine Literário Bizarrona é uma publicação independente criada por um grupo de jovens artistas de Belo Horizonte, em sua maioria escritores, que buscam caminhos e estilos próprios para se expressarem. Vemos a arte como um instrumento essencial de reflexão e conscientização sobre os problemas de nossa sociedade.

Literatura,
palavra repleta de significados e de ideais,
que dizem sobre o que devemos fazer e **o que propomos**.

O Fanzine Literário Bizarrona tem como proposta principal incitar todos aqueles que estão a margem do mercado artístico, mas têm interesse em qualquer tipo de expressão artística, a produzirem e divulgarem trabalhos próprios com o objetivo de disseminar suas idéias e contribuir para o desenvolvimento de uma arte independente.

Literatura,
palavra repleta de palavras
que nos transformam, nos ensinam, nos incitam;
repleta de sentidos e sentimentos
que nos refletem, nos emocionam, nos criam;
repleta de significados e ideais
que nos inquietam, nos estimulam, nos abrem novos caminhos.

*Aqueles que sabem, inspirarão os agitadores,
e os que agitam, incitarão os conhecedores.*

Índice

A cripta, de Daniel Gomes	Página 08
Ciclopes, de Fabiano Moreira	Página 10
No ponto de ônibus, de Leonardo Rossato	Página 12
Caiu o firmamento, de Ricardo Nachmanowicz	Página 15
Sem título, de Daniel Nachmanowicz	Página 16
As impaciências do saber, de Marcos Nunes	Página 17
Ecdíase, de Roberta Azambuja	Página 21
Obra inacabada, de Daniel Gomes	Página 23
Lembranças de morrer, de Karl Von Hollerman	Página 25
Faça você mesmo, de Marcos Nunes	Página 30
Porque minha caixa de correio está vazia?, de Ubirajara Neiva	Página 33
Radim, de Fabiano Moreira	Página 34
Fantasia cabocla?, de Carlos Alberto de Sousa	Página 37
Espaço da ausência, de Fabiano Moreira	Página 39
Das existências, de Carlos Frankiw	Página 41
Sonho em K, de Daniel Gomes	Página 45
Refúgio, de Glauber Albuquerque	Página 48
No quarto escuro, de Clarice e Daniel	Página 49
Cálida rosa, de Carine Helena e Alexandre Henrique	Página 51
A humanidade fraterna, de Marcos Nunes	Página 53

A cripta, de Daniel Gomes

Você, reflete o criador, você não é um de meus filhos
Você, diz o mudo, você não chegará até ele
O fogo se alastra na solidão e o caminho é traçado
O peregrino arrepia-se.

Você, diz o surdo, você terá que chegar aqui
Você, reflete o criador, você terá de descobrir o segredo
O trovão se faz no silêncio e os passos prosseguem firmes
A cripta estremece.

Eu compreendo, reflete o peregrino, compreendo seu caminho
Eu vejo, diz o cego, vejo sua chegada
O raio se agita na escuridão e a jornada finda
A cripta estremece.

Eu sinto, diz o morto, sinto sua presença
Eu compreendo, reflete o peregrino, compreendo meu destino
O tudo se manifesta no nada e o portal é aberto
A cripta estremece.

A luz

Eu entendo, reflete o criador, entendo sua busca
Eu sinto, diz o morto, sinto seu vazio
O nada se manifesta como o tudo e um destino é cumprido
A luz esvaece.

Eu vejo, diz o cego, vejo nossa destruição
Eu entendo, reflete o criador, entendo seu desafio
A escuridão se agita como o raio e o embate tem início
A luz esvaece.

Você, reflete o peregrino, você está por trás da criação
Você, diz o surdo, você revela nosso segredo
O silêncio se faz como o trovão e uma máscara é quebrada
A luz esvaece.

Você, diz o surdo, você será destruído
Você, reflete o peregrino, você terá que me enfrentar
A solidão se alastra como o fogo e uma presença se cria
O peregrino arrepia-se.

O peregrino

Você, reflete o criador, você não terá o que busca
Você, diz o mudo, você irá me libertar
A solidão e o fogo se alastram e os dados rolam
O criador arrepia-se.

Você, diz o surdo, você irá me conhecer
Você, reflete o criador, você não pode alcançar o infinito
O silêncio e o trovão se fazem e algo se perde
A cripta estremece.

Eu compreendo, reflete o peregrino, compreendo seu temor
Eu vejo, diz o cego, vejo o brilho em seus olhos
A escuridão e o raio se agitam e o tempo cessa
A cripta estremece.

Eu sinto, diz o morto, sinto a fissura se expandir
Eu compreendo, reflete o peregrino, compreendo o seu erro
O nada e o tudo se manifestam e a tapeçaria cede
A cripta estremece.

O criador

Eu entendo, reflete o criador, entendo seu poder
Eu sinto, diz o morto, sinto o começo
O tudo e o nada se manifestam e o universo se separa
A luz esvaece.

Eu vejo, diz o cego, vejo o negro de seus olhos
Eu entendo, reflete o criador, entendo sua ira
O raio e a escuridão se agitam e a realidade se esquece
A luz esvaece.

Você, reflete o peregrino, você chegou ao infinito
Você, diz o surdo, você findou o caminho
O trovão e o silêncio se fazem e a existência se extingue
A luz esvaece.

Você, diz o mudo, você apagou as pegadas
Você, reflete o peregrino, você chegou a mim
O fogo e a solidão se alastram e a essência se apaga
O criador arrepia-se.

Ciclopes, de Fabiano Moreira

O velho ciclope permanece imóvel, cheio de serenidade aparente, de humanidades beatíficas de jeans, bengalas e meias para proteger pezinhos do frio fumaça de boca.

A chuva continua a banhá-los... o som estalante das gotas mais relembra o estalar de madeira em meio as chamas e enquanto isso as estrelas vestem seus pijamas por detrás das brumas esverdeadas. O ciclope permanece quieto, simplesmente sereno, com o seu olho vermelho mirando o céu. Enquanto ele se cala eternamente, os televisores também se desligam e as pessoas refletem, elas dormem para acordar amanhã, elas se esquentam com o atrito faiscante do sexo. Ele continua calado. Ele e seus ainda mais gigantescos irmãos.

Fico me perguntando enquanto os observo, por que quando chove as pessoas não vão para a janela observar o espetáculo cinza? Por que acham mais interessante ver paredes limitantes do que o ar preenchido de gotas revolucionárias, ver um filme hollywood do que o susto de um estrondoso trovão? Se o velho ciclope pensa em algo, essa questão já deve ter lhe ocorrido. Quando a cidade acaricia o céu, quando o céu lambe sensualmente a cidade e ambos se unem numa peça além-shakespeare... o ciclope continua em silêncio, agachado, respirando e sendo respirado, adorado, torturado. Seus pensamentos circulam independentes, subindo escadas e descendo elevadores.

Deve ser bom ser ciclope. Nunca falam de si, nunca falam com ele, todos acham que é uma posse, mas a verdade é que ele os tem. Não que um ciclope seja possessivo. Nunca há culpa. Mesmo que nele exista um elevador de serviço ou que não caibam dentro dele todas as idéias da existência, jamais poderemos culpá-lo. Seus outros olhos sempre estarão acesos, de maneira aparentemente aleatória, um ciclope tem mais olhos do que aparenta.

Um dia Luana me perguntou se um ciclope pode ser masculino ou feminino, se eles se reproduzem... Deve ser bonito imaginar dois prédios se amando apaixonadamente, dois arranha céus namorando sob a chuva, aproveitando que ninguém se interessa em olhar as gotas. Eles se abraçariam e declamariam poemas quietos um para o outro. Tudo abafado pelos sussurros intencionais dos pingos. Pensei um pouco sobre a pergunta que ela me fez e respondi apenas que um ciclope não é macho nem é fêmea. Disse que "um ciclope é um ciclope". E a chuva continuou falando.

As luzes todas se apagaram e a cidade sentiu o veludo das trevas. E todos os pássaros estranhos, todas as lendas urbanas saíram rebolando e plantando bananeiras. Luana se abraçou em mim, usando o medo como desculpa para afeição... Acho que eu gosto das desculpas, embora encubram perguntas sem realmente responder algo, é sempre bom estar debaixo das cobertas, sem ver direito o que se passa, deixando-se guiar pela ausência da luz que nos desperta sentidos astrais.

Os peixes do meu aquário já não se assustam com o escuro. Quando criança eu cantava para eles dormirem e zelava pela sua segurança, eu tentava plantar um sorriso em seus rostos piscianos, mas nunca conseguia. Acho que não pode ser feito em cativeiro. Quando algum deles morria, eu tentava revivê-los, eu os imaginava vivos e sorridentes, saltitantes, juntos, amigos. Quando olhava, sua carcaça sumira. "Deus deve tê-lo levado", pensava. Depois descobri que eram comidos pelos amigos. Tive problemas com amigos na infância, eu era paranóico demais e demorou para entender o estranho ritual fúnebre dos peixes... percebi com o tempo que somos diferentes deles. Nós usamos roupas e pensamos que pensamos... Eles devem rir disso de vez em quando.

É incrível as coisas que a gente diz quando se está apaixonado, principalmente quando ao telefone, onde até as pausas silenciosas são consideradas palavras e contar sobre a sombra, a cor de uma tampinha ou o som de uma campainha torna-se assunto de importância máxima. Adoro ouvir Luana. É legal quando ela fica sem assunto e eu já não tenho mais nenhuma novidade para contar, nem a mais cotidiana delas. Sempre que isso acontece ela me lambe o rosto e as vezes mais do que isso...

Quando as luzes se apagam e estamos sozinhos, uma das melhores coisas a fazer é comermos uvas juntos, batendo um papo ou brigando. Brigar comendo uvas é uma ocasião especial. A gente faz isso sempre e quase chego a pensar que brigamos de propósito, só para romper o marasmo e adoçar a doçura da fruta com um sabor meio amargo. É incrível as coisas que se diz quando se está apaixonado.

Depois da meia noite eu a levo para casa. Sempre foi assim, menos hoje. Ela dormirá aqui. Não, não faremos sexo a noite toda. Dormiremos separados, devemos manter os padrões e os limites da moralidade sempre presentes... Até parece que você acreditou nisso não é ciclope?

Abri as cortinas para podermos dormir diante da chuva imensa que caía na paz. Sorrimos abraçados esperando que alguma coisa grande acontecesse, algo como uma aparição, um assalto, uma explosão nuclear por acidente. Mas não era nada disso, eram só gotas, uma atrás da outra, cada qual diferente para olhos atentos. Cada qual representando um mili-segundo de vida, valendo, agora. Isso foi tão empolgante para mim que quase sorri chorando.

As gotas foram embora. A manhã não vai chegar tão cedo e eu tento paralisar tudo, paralisar gotas no ar. Mas a goteira continua a gerar e gerar. E as gotas se espatifam no chão dando lugar à outras. Penso então: se eu não posso pará-las não quero vê-las cair e nem as outras seguintes.

Fecho os meus olhos sorrindo. Luana já fechou os dela à um bom tempo. Ouço um ônibus passar, ouço algo se quebrando na rua, um tiro na favela... eu ouço o piscar do ciclope.

No ponto de ônibus, de Leonardo Rossato

Estava eu no ponto de ônibus as 10:30 de uma noite de sexta-feira. Chovia sem cessar. Parecia um dilúvio. Estávamos todos encolhidos no ponto procurando por um espaço seco quando comecei a observar as pessoas. Observava do pé à cabeça e não me importava se elas me encarassem, pois poderiam estar me observando do pé à cabeça também.

Havia umas 10 pessoas lutando por um espaço como se fosse uma guerra e cada palmo ganho era uma conquista. As mulheres e crianças levavam vantagem com a falsa simpatia dos homens adultos brancos. No entanto eram apenas 3 no ponto: uma freira, uma adolescente de mais ou menos 15 anos e uma mulher com ar de executiva beirando os 40.

Comecei a observar a freira. Será que ela queria mesmo ser freira? Será que não lhe tinham imposto a religião e com medo de pensar por si só ela teria continuado com uma vida sem perguntas? Comecei a pensar sobre freiras no geral. Será que elas não têm desejos como uma mulher "comum"? Porquê uma pessoa não pode amar a Deus e amar as pessoas, neste caso os homens? São amores completamente diferentes. Não entendo.

Neste momento a freira me olha como se soubesse todos meus pecados, viro meu rosto de medo e meus olhos se encontram com belas pernas da garota. Ela tem jeito de Patrícia ou Bárbara, ou ainda Andréa. Rica. O que será que está fazendo num ponto de ônibus as 10:30 da noite? Escola. É, está voltando da escola e talvez seu pai ou sua mãe (se não são separados) estão com o carro quebrado e ela, apesar de mostrar um leve sorriso, não gostaria de estar ali.

Patrícia, Bárbara, Andréa deve ter um namorado alienado como ela. Devem conversar sobre coisas completamente fúteis. Devem assistir um programa para adolescentes mais fútil ainda e depois de tocar uma música bem romântica em inglês na televisão eles não saberão a letra e se beijarão. Deve estudar estatística na faculdade. É, ela tem mesmo cara de quem gosta de números. Muito bonita, mas não me atrai. Tem um corpo muito bem torneado para não dizer que era muito gostosa, mas não agüento gente burra.

Volto a olhar para suas pernas e tenho um súbito desejo de tê-la. Ela me olha com um sorriso falso nos lábios e eu retribuo com a mesma falsidade. Fazemos nosso joguinho de falsidade por uns cinco minutos e cansado paro de olhá-la.

A executiva de 40 anos pisa no meu pé. E que pisada! Ela está vestindo uma blazer bege muito bonito, mas é masculinizada. Ela me lembra a Margaret Thatcher. Deve pensar que precisa ser igual aos homens para se igualar. É o pior tipo de feminismo que existe. Não deve ser casada, pois nenhum homem deve conseguir desejá-la sexualmente. Bem, deve haver, mas ela não tem tempo para isso. Apenas trabalha. Pensa que está ajudando no progresso do país. O mesmo país que nos viras as costas. Mas ela não pensa nisso porque deve ter uma casa grande, um cachorro bravo, um vibrador

escondido atrás da televisão e uma tara por pés, pois não para de olhar os meus. Seu carro deve estar quebrado também.

Como estar pensando isso destas pessoas sem ao menos conhecê-las? Posso estar perdendo muito em julgá-las assim. Mas não consigo parar de inventar histórias das pessoas. E se elas estiverem inventando histórias de mim. E se a freira estiver imaginando meus pecados; e se a menina estiver pensando se sou homem mesmo, pois lhe virei o rosto; e se a executiva estiver me desejando e querendo chamar a minha atenção porque pisou no meu pé de novo?

Passa um ônibus e a menina, a executiva, a freira e mais um homem com dois filhos pequenos e sujos e com a roupa visivelmente doadas sobem. A menina me olha e me manda um beijo e instintivamente contribuo. Ela joga pela janela o número de seu telefone mas não o pego. Não sei porque.

Sobram eu e mais três homens: uma criança de 12 ou 13 anos, um cara um pouco mais velho do que eu com uns 18 ou 19 anos e um senhor de 60 anos que só pigarreia. Deve ser por tanto fumar na vida. Ele tem uma cara de artista boêmio.

A criança que senti ao meu lado não tinha cara de criança. Quando o vi escondi meu relógio e pensei em esconder minha carteira, mas seria muito estúpido da minha parte fazê-lo ao seu lado. Ele deve estudar em escola pública e como tantos outros sofrer com o ensino miserável que temos neste país. Nem deve saber que o governo não quer cabeças pensantes em todo o país. Este adjetivo é para as elites, mas ele não deve saber. Não deve saber também que poderia reivindicar por isso porque não lhe ensinaram o que é de seu direito desde pequeno.

Seu pai deve ser um alcoólatra e quando chega em casa deve bater em sua mãe e nele e em seus irmãos. Como toda família pobre deve ter uma família grande. No mínimo dez num barraco pequeno, enquanto a classe média/alta tem em média quatro ou cinco por família. E estes da classe média/alta acham que o país está superpopulado por causa dos pobres, mas os pobres não tiveram a mesma educação paga e sim uma educação pública e, conseqüentemente, muito inferior.

Ele deve roubar para comer, mas o que estaria fazendo no ponto de ônibus? Procurando mais uma vítima? Porque quando vejo uma pessoa mais pobre penso que ela irá me roubar? Minha educação? Os prefeitos, vereadores e deputados que escolho para meu país me roubam todos os dias e usam terno. Acho que preciso combater meu preconceito.

Cansado de esperar sento no banco do ponto ao lado do garotão malhado vestido com uma camiseta escrito "Gym". Está de walkman, calça jeans, boné do Chicago Bulls, tênis Nike e tomando Sukita (a publicidade deve fazer a cabeça dele). Consigo ouvir um som estranho do walkman e concluo ser som de academia. Está segurando uma bolsa de academia.

Deve ter 18 ou 19 anos, aparência atlética, barba bem feita e uma namorada bem bonita. Trabalhar com o pai, fazer

faculdade para alguma matéria biológica ou educação física. Deve nunca ter lido um livro na vida. Exceto "1001 maneiras de enlouquecer uma mulher - vol. 3", que sua namorada deve lhe ter dado de aniversário.

Não deve ser romântico. Ele tem cara de quem faz amor com a namorada e dorme. E ronca. Tem tudo na vida mas não tenho inveja nenhuma dele. Ele me interessa tão pouco que percebo que o artista boêmio que só pigarreia está me fitando. Passaram dois ônibus e não fui embora ainda. Não consigo parar de inventar histórias, mas agora só não fui embora porque o artista boêmio está me encarando.

Ele me oferece um cigarro e digo que não fumo. Pergunta-me as horas e digo que não estou de relógio (claro que menti). Ele disse que me viu escondendo o relógio. Eu sorrio e pergunto se estava me observando. Ele diz que às vezes ele observa as pessoas no ponto de ônibus e fica inventando histórias sobre elas. Eu disse que faço o mesmo e um súbito barulho de uma derrapada corta nosso diálogo.

Olho para o seu rosto e imagino os traços de quando era jovem. Deve ser um poeta mal entendido pela sociedade, viveu nos anos 60, foi exilado, voltou, editou muitos livros mas poucos compraram, deve ter feito versos para todas as mulheres com quem dormiu, deve ser um intelectual que não demonstra tal inteligência quando está no bar com os amigos. Deve ter uma casa pobre de beleza, mas rica em livros. Um grande sebo dentro de casa com milhares de livros, deve dormir numa rede com livros abertos sobre o peito. Deve ser fã de Vinícius de Moares, Fernando Pessoa e Pablo Neruda.

Ele me olha de novo e pergunta meu nome. Eu digo e pergunto o dele. João. Um nome tão comum quanto as estrelas que brilham nos céus, ele diz. Pergunto se é poeta. Ele responde que não. Fico muito decepcionado e toda a história que imaginei sobre ele se quebra dentro de mim. Ele me consola dizendo que um dia escreveu poesias, mas hoje isto não compraria sua comida.

Digo que gostaria de seguir a carreira literária e ele me pergunta se tenho algo escrito na mochila que levo. Arranco uma folha de papel do caderno velho e usado e passo para as suas mãos também velhas e usadas. Ele lê, pigarreia, olha para as estrelas e lê de novo. Me entrega a folha de papel e me diz algo tão singelo mas que nunca esquecerei:

- Mesmo que todos lhe digam que seus textos são uma merda, que você é um péssimo escritor e que nunca irá publicar um livro. Mesmo que apenas sua namorada goste de seus versos e que seu pai os ache infantis e estúpidos. Mesmo que faça outra coisa de sua vida e que um bêbado te encha o saco num ponto de ônibus numa noite sem brilho, sem luar e chuvosa. Mesmo que tudo isto ocorra, nunca pare de escrever. Nunca pare de se expressar. O dia que você parar de escrever você morre. Então, não morra.

Caiu o firmamento, de Ricardo Nachmanowicz

Não parou o trânsito, não cisou a grife, não furou a imprensa

agora podemos trancar as gavetas
agora podemos lavar os pincéis
temos pisos de madeira e mármore de peso de papéis.

ajoelhados e ouvintes
ajoelhados e boca pendente - os braços desabando, ao som ao som
do trompete com panela

Veio uma brisinha, nem subindo, mas eriçando a poeira
umas letrinhas se esquadriham
na coincidência

a e
 t
 r

que nos deixa.

*Não é o medo da loucura que nos
vai obrigar a hastear a meio-pau
a bandeira da imaginação.*

André Breton

Sem título, de Daniel Nachmanowicz



Um cronópio pequenininho procurava a chave da porta da rua na mesa-de-cabeceira, a mesa-de-cabeceira no quarto de dormir, o quarto de dormir na casa, a casa na rua. Por aqui parava o cronópio, pois para sair à rua precisava da chave da porta.

Julio Cortázar

As impaciências do saber, de Marcos Nunes

Uma noção interessante dos limites da palavra, não apenas enquanto literatura, quer dizer, enquanto elemento constitutivo de uma arte, sem se tratar de lingüística e conhecimento, encontramos no escritor Hermann Broch, não outro que não aquele que escreveu A MORTE DE VIRGÍLIO, o melhor romance já escrito contra a literatura sem perspectivas sociais, ou mais simplesmente, um romance contra a noção da arte pela arte, em função da beleza, da fruição estética despegada da esfera política, das circunstâncias do ser enquanto interagente e contemporâneo da própria História, com esse agá maiúsculo mesmo.

Não apenas ele, mas também Kafka, segundo ele mesmo referendado por Broch, abdicaram da arte literária enquanto forma capaz de lograr interseções existentes entre as consciências possíveis e os mitos fundadores dos valores sociais, mitos esses ainda subjacentes a todos os valores ainda subsistentes, aqueles que não submergiram simplesmente à imperatividade do lucro, em dado momento histórico tido como razão e alibi para qualquer ação humana, justificativa para o arbítrio e a violência, esta última como obstáculo ético sem qualquer consistência para o equilíbrio do mercado (digo, qualquer justificativa da negação de uma ação tipicamente empreendedora face negativas de seu caráter brutal passou a ser entendida como ingenuidade, considerando as necessidades de desenvolvimento do sistema).

Para Broch, assim como para tantos outros, a literatura seria uma via que, em muitos pontos, lograria contato com a ciência, sem nunca atingir suas altitudes. Diríamos que a literatura seria uma atitude de quem persevera na teoria, mas não possui a paciência necessária para produzi-la de maneira consistente, de forma que a ficção atinge seus objetivos em parte, sem nunca compor o todo que representariam as idéias daqueles que, não distante da teoria, tivessem, contudo, extrema pressa quanto a atingir seus objetivos. Assim, no lugar do saber consistente, teórico, científico, escudado no experimento, na observação, na transcrição em caracteres legíveis daquilo que foi e é cientificamente comprovado, a literatura se esmeraria, tão somente, na expressão do gênio, o escritor, este provido de dados de caráter tão somente sociológicos, no sentido de que estes dados são compostos de observações colhidas em circunstâncias específicas e passíveis de alterações devido às contingências de tempo e espaço.

O dado científico, indiscutível, é aquele que originou um enunciado a partir do momento em que ele reproduziu, em momentos muitos variados, os mesmos resultados. Um dado pode ser científico enquanto resultante de condições específicas, mas não é compatível a um enunciado de caráter generalizante enquanto produto dessas mesmas circunstâncias, sendo mutável face alterações de conteúdo menos material que subjetivo, ou

seja, tendo por origem as vontades ou necessidades humanas, extraídas as circunstâncias materiais sem as quais sequer os desejos poderiam se manifestar.

Do que trata, enfim, a literatura?

A literatura impacienta-se. Ela quer dizer o que o senso comum quer dizer e não diz, fala pelos outros, produz um discurso que considera-se compatível aos desejos humanos, mas não se outorga poderes de científicidades. A literatura é, antes de tudo, expressão de uma pressa de enunciar, mesmo sem os dados materiais necessários para fazê-lo; mais que isso, a literatura sequer pretende utilizar dados materiais plausíveis, bastam as apreensões subjetivas globais para que ela surja, com suas exigências, suas intenções e, sobretudo, com seus projetos de unir caracteres míticos e científicos em um todo que atinja a sensibilidade daquele que lê, ou seja, sua razão passível de ser cooptada por um projeto incompleto de satisfação das necessidades do sujeito.

Evidentemente, talvez até sem o saber, o que Broch faz é utilizar-se dos truques da logicidade humana, opondo uma razão construída de forma coerente a outra que lhe é oposta, compondo assim o velho cenário dicotômico que opõe a uma certeza um erro, a um sentimento amoroso outro de ódio, mas tudo envolvido em um quê de metafísica que a tudo veste de espiritualidade, ocultando, sem querer, as misérias dos objetivos canhestamente materiais daqueles que articularam discursos acerca de éticas e ideais a serem considerados como transcendentos à prática comercial, e devidamente abusiva, extrativista e exterminadora, das relações humanas.

Porém, não podemos deixar de considerar sua, digamos, intuição, como certa, se tratarmos de outra questão também de seu interesse, o *kitsch*, composto de noções de caráter simulador das circunstâncias, este elemento que se declara o último grito de nossas aspirações e nada mais é que o primeiro momento de nossas angústias transformado em modelo já composto de uma solução inquestionável.

O que é a má literatura, senão uma expressão do conhecimento que impacienta-se e, assim, opera o enunciado esperado pela imediatividade do que podemos chamar de mercado ou ainda de demanda social de verdades, necessárias à sobrevivência de um modelo social que exclui possibilidades outras?

Toda a literatura contemporânea, observando-se até de maneira bem descuidada, esmera-se em oferecer ao mercado aquilo que ele demanda, sem qualquer questionamento que vá além das prerrogativas das corporações que difundem a cultura como produto de indivíduos, cujos talentos não provêm de nenhuma conectividade com outra sociedade senão aquela já inserida na rede dos interesses globalizantes.

Talvez Broch não tenha percebido que, a literatura, ao invés de ser uma remendo de noções apressadas, pudesse ser uma ferramenta contra a proliferação dessas mesmas noções, mesmo em grau literário, mas principalmente em termos de

divulgação publicitária, jornalística e, de maneira mais grave, inseridas em manuais para educação e formação cultural de geração após geração.

Melhor ainda, Broch tivesse pressentido que, a literatura, nos tempos do valor-dinheiro sobre todo e qualquer valor-conhecimento, fosse reduzida àquilo que hoje dizem que ela é, mais um produto a ser lançado em feiras e importante enquanto constitutivo de operações lucrativas de empresas que disseminam, além das páginas impressas, valores intelectuais compatíveis à manutenção da ordem dominante.

Podemos assim dizer que Broch não perpetrou equívocos disparatados, mas que apenas confundiu os valores sociais, talvez por contemplá-los às luzes variegadas da filosofia mais do que àquelas mais complexas do saber científico, posto que Broch envolvia-se com platonismos e fantasias acerca de absolutos e totalizações que a literatura, certamente, não possui ferramentas para construir.

Voltemos à Kafka, que abandonou a literatura após utilizá-la da maneira possível, como forma para exame da radicalização de uma crítica e compreensão das relações humanas como relações de poder, porém poder demasiado frágil para sobreviver às transformações materiais que fazem com que as ambições humanas sucumbam às suas ilusões. Para Kafka, os piores e os melhores momentos da humanidade se equivalem, e a literatura que eles produziram não nos redimiria das frustrações eternas de nossa condição humana, prenhe de infinito e presa à morte, de tal forma que nossas realizações estariam para sempre condenadas ao malogro da não correspondência, em valores absolutos, dos desejos de cada subjetividade. A condenação de cada um é irrefutável, nenhum de nós há de escapar de viver e morrer como um animal, por mais e sofisticadas teorias que tenhamos construído para justificar nossas vidas e nossos padrões de sociabilidade.

A literatura permanece como uma impaciência face ao destino, refutada toda noção de destino, ou aceita em parte, e mesmo integralmente. A literatura impacienta-se com os vagares da história, da filosofia, das ciências exatas, das ciências humanas. Esgueira-se entre conceitos químicos, físicos, biológicos, e reconhece-se ao zombar de si mesma.

Daremos a volta em Hermann Broch, e diremos que a literatura não é um degrau inferior ou uma deficiência do saber, nem mesmo uma aspereza daquele que procura saber mas que impacienta-se e emite um valor acerca daquilo que não sabe, desconsiderando o que necessita saber como um percalço inútil às suas emoções apressadas.

A literatura, sim, é o fim de todo o processo de conhecimento humano, ou de outra forma, que o conhecimento nela se desdobra, se debruça e expõe sua impaciência, sua pressa, ou numa palavra, seu desejo, de saber, de conhecer. A literatura é uma maneira de perguntar ao outro, o leitor, aquele que também não sabe, a resposta para as questões que

não pode, em seus páginas resolver. A literatura participa, com a sociedade, desse busca impaciente de conhecer. Não produzi-la não é, decerto, uma demonstração de sanidade social (pois, se o fosse, seríamos hoje todos cientistas, vista a precariedade do que hoje se produz, em quantidade e qualidade), mas de uma pressa que toma outras direções, nem melhores nem piores, da ciência ou de outras artes que procuram o conhecimento explorando outros elementos que não os silábicos (ou não apenas os silábicos).

Contudo, se não se faz mais literatura, como também nada mais se faz, sem delegar ao chamado mercado a forma do que interessa e é vendável, aí sim, podemos dizer, que nada mais temos que a deterioração da ânsia ética da humanidade, compungida pela razão absoluta não do conhecimento, mas do lucro, sendo essa a questão que nos totalizaria, qual seja: servir aos objetivos do mercado sendo cada sujeito não mais que um consumidor de valores que não ascendem a outra coisa senão que à rentabilidade de produtos-coisas ou produtos-pessoas.

Com o que toda arte (e a que aqui tratamos é a literária) não pode sucumbir à forma sem as circunstâncias do meio, ou seja - a arte que se atém ao seu modo de produção como alheio àquele que politicamente é gerido por aquilo que chamamos de democracia, faz apenas a abstenção da crítica à democracia, não observando suas mazelas, reproduzindo-as e reproduzindo-se como produto necessário à perpetuação da generalidade, sem ater-se às suas noções e referir-se aos padrões éticos que lhe vão além. É arte engajada, mas engajada na conservação da imperatividade do lucro, sobre todas as circunstâncias. Arte a favor, arte *kitsch*. Arte sem o conhecimento apressado da impaciência daqueles que não possuem o conhecimento, mas que estão carregados de noções que visam transformar a realidade, em conexão com o que cientificamente se produz e observando os parâmetros da cultura que não pôde superar os mitos, esses tapa-buracos de nossa eterna ignorância.

Como todos, Broch esteve certo e errado, produzindo literatura e teoria que, contestáveis, podem ter sua fruição ao lado de todas as idéias, norteamentos e possibilidades que não concluem a favor da multiplicação dos meios existentes, mas pelo perpétuo questionamento das razões que os promovem e os querem como absolutos. Não se trata, assim, de um vale-tudo literário e/ou teórico, mas de mais do que uma presunção de que, entre possíveis erros e acertos, estamos nos balizando por conceitos éticos que não coadunam com a opressão, a exploração e o engodo e que isso, mesmo sem atingir esferas do absoluto, nos faz caminhar entre os viventes neles se reconhecendo, porque como eles somos feitos de dúvidas acerca do que conhecemos, mas não de certezas quanto ao que queremos e que, portadores dessas certezas, temos que prezar nossas mentiras para atingir as metas que as satisfaçam.

Ecdíase, de Roberta Azambuja

Até que enfim tinha conseguido economizar durante três meses e dez dias o dinheiro necessário para a aquisição daquele exemplar. Abster-se das saídas noturnas com os amigos, das idas aos bares. Distraíra-se com outros livros de autores menos capazes. Nem acreditava ainda que realmente havia comprado o livro de Jean Duval, o último que escrevera antes de sua morte. Foram os cento e setenta e sete reais mais bem gastos de sua vida, mesmo ainda não tendo lido o livro o sabia. Certamente iria mostrar para seus amigos o seu mais novo tesouro; todos iriam se morder de inveja, mas seria ele que iria degustar o conteúdo daquela obra.

Com o livro em suas mãos, nem reparava no que estava acontecendo ao seu redor. Apesar daquela grande livraria, famosa por seu vasto acervo, estar cheia com obcecados leitores que desesperadamente buscavam seus sonhos nas estantes, não escutava nenhum barulho, ou se escutava não sabia decodificar os inúmeros sons que permeavam todo o lugar. Diante das prateleiras dos autores franceses, estava parado, seus olhos castanhos arregalados e sua boca de lábios finos e rosados um pouco aberta. Lia e relia o título: "Ecdíase". Lembrava-se do significado daquela palavra das aulas de biologia que tivera no segundo ou talvez terceiro ano científico. Sair do exoesqueleto. Sair de si mesmo para se tornar si mesmo de outra forma. Ecdíase. Romper as próprias barreiras; se libertar de si mesmo para se tornar. Achava fantástico como Jean Duval conseguira metaforizar um termo biológico e quase técnico. Em cima do título, o nome "Jean Duval" escrito em letras grandes e douradas, quase tão grandes como as do título. Estava certo. Para ele o título da obra deveria ser Jean Duval, ou Jean, ou Duval. O autor era a obra em si. Mas aquele escritor cada vez o enfeitava mais com sua genialidade: ecdíase!!! Somente Jean poderia ter pensado nisso.

Na contracapa, uma foto do escritor quando ainda novo. Cabelos lisos caindo sobre o rosto fino, quase esquelético. Um cigarro no canto da boca. Jean olhava para uma folha sobre a mesa e escrevia. Sua camisa social branca com seus dois últimos botões desabotoados. Realmente magro. Não devia ter tempo para comer. Morrera por uma virose tola. Talvez porque não comesse. Sua vida era ser *gourmet* dos leitores.

Debaixo da foto em preto e branco, uma nota da editora fazendo a sinopse do livro. "ECDÍASE foi o último trabalho do reconhecido e renomado Jean Duval, terminado seis meses antes de sua morte...". Não!!! Sérgio não iria ler aquilo. Podia estar escrito naquela maldita sinopse o resumo infiel de todo o livro. Não podia perder a chance de saborear cada página, cada capítulo de "Ecdíase". Iria se surpreender e saborear cada nova mensagem que Jean expusesse ali, com cada gemido de dor pela saída do exoesqueleto, com cada lágrima do choro que permeasse o novo nascer. Leria depois de tomar

uma saudável xícara de *capuccino*. Não. Não perderia tempo com isso! Também não tinha tempo para comer. Tinha que ser a testemunha do romper das barreiras de Jean; tinha que ser o cúmplice da morte do velho Duval; seria o companheiro do nascimento do novo.

Olhou mais uma vez o livro. Com os dedos correu as duzentas e trinta páginas. Olhou ao redor (sim... esquecera que ainda estava naquela cara livraria, na bookstore, como estava escrito em sua entrada). Uma mesa no centro com três cadeiras vagas. Indiferente às demais pessoas e aos demais livros, foi com o "Ecdíase" em direção àquele assento. Sentou-se confortavelmente. Pensou no *capuccino*. Colocou a obra em cima da mesa. Na capa, o título gritava: "ecdíase". Jean morreria e renasceria ali, naquele pequeno exemplar; Jean tornar-se-ia Jean, mas um outro Jean, um sem os velhos limites, e ele estaria ali, vendo o ressurgir, coexistindo no nascimento. Também ele romperia suas barreiras, também ele não sairia o mesmo depois daquela leitura, após o estourar da placenta. Jean seria também seu progenitor ali. Seu coração pulsava acelerado. Abriu-o e começou a ler.

*O livro é o que desperta sua
curiosidade; pensando bem,
você até prefere que seja
assim, deparar com algo que
ainda não sabe bem o que é.*

Italo Calvino

Obra inacabada, de Daniel Gomes

Caro leitor, creio saber, ou pelo menos imaginar, as agruras pelas quais você passou para adquirir este volume. Certamente foi uma escolha difícil, afinal existem outros diversos livros que você gostaria de ler ou ter. Provavelmente você abriu mão de exemplares que seriam muito mais agradáveis ou lhe despertaram maior interesse. Mas foi impelido, por assim dizer, a investir nesta autobiografia. Por motivos óbvios, já que você está inserido em círculos de alto nível cultural, participa de discussões importantes sobre arte e sociedade ou até mesmo é um estudioso das letras. E como uma pessoa como você poderia admitir não possuir a autobiografia de um escritor como eu, considerado um dos mais destacados nomes da literatura em sua língua?

Sim, você não poderia fazer isto, seria uma vergonha, um grande e indelével arranhão em sua reputação de intelectual, na qual você tanto investiu, pela qual você fez tantos sacrifícios, como ler alguns de meus livros. Compreendo perfeitamente sua posição, eu mesmo já tive esta necessidade de auto-afirmação, de reconhecimento social, e devo confessar que ela foi uma forte propulsora de minha carreira, o que você poderá confirmar nas páginas que se seguem. Isto também mostra que esta necessidade não é tão ruim assim. Mas, não seria melhor para você ler romances repletos de elementos cômicos ou de suspense e que seriam muito mais agradáveis e prazerosos?

Tendo concordado comigo até este ponto, gostaria de oferecer-lhe, como um bom amigo, um pequeno guia sobre como ler esta autobiografia, de modo que esta tarefa se torne fácil, rápida e proveitosa. Afinal, não é isto o que você espera de um bom livro?

Em primeiro lugar, determinemos a função de uma obra biográfica. Este tipo de texto deve ser capaz, se bem escrito, de auxiliar na compreensão das obras do autor retratado. A partir disto podemos chegar a conclusão de que é sempre aconselhável, ou até mesmo imprescindível, que o leitor tenha um vasto conhecimento dos trabalhos da pessoa, ou seja e preferencialmente, que ele tenha lido suas obras completas e alguns artigos sobre sua carreira e livros. Provavelmente é este o seu caso, estou certo?

Espero que sim, pois caso eu esteja enganado, sua situação então, é mais grave do que eu imaginava. Afinal, quem leria a autobiografia de um escritor antes de ter lido seus livros?

Bem, tendo você lido meus livros ou não, o segundo ponto pode mostrar-se interessante, vamos a ele. Uma outra questão se refere ao fato de ser necessário ter consciência de que uma autobiografia, por mais estilizada que esta seja, não é um trabalho estritamente literário; e sim um ensaio, uma matéria, uma história real, sobre uma pessoa real, que tem como propósito elucidar fatos sobre a sua vida que sejam

imprescindíveis para a compreensão de seus trabalhos; e não ao contrário. O que quero dizer com isto é que não é a personalidade que deve ser analisada, ao menos que você seja um psiquiatra; mas sim sua obra, pois é esta que tem importância, é esta que será imortalizada. Isto pode parecer óbvio para um leitor como você, mas não é o que tenho visto. Você acreditaria se eu lhe dissesse que muitas pessoas têm mostrado interesse pela biografia do seu José da Silva?

Creio que você já está meio desnorteado, pois além de se interessar (ou fingir) pela história dos miseráveis e desconhecidos, você já não sabe mais do que se trata esta introdução. Mas ainda resta uma última observação necessária, que diz respeito a natureza deste trabalho em particular. O que pretendo aqui e nas páginas que se seguem é demonstrar como meus amores, por mulheres, pais, filhos, gatos, cadeiras acolchoadas, músicas ou pinturas, ideologias ou religiões, futebol ou cerveja, ou por qualquer outra coisa que eu tenha amado na vida - e você verá que não foram poucas nem as mais comuns - foram determinantes em meus escritos. A questão que se coloca aqui é: se o dinheiro pode ser considerado a mola que move o mundo, certamente é o amor, ou os amores, que movem o homem. Deste modo, meu objetivo com esta autobiografia é revelar a você, estudioso ou curioso, como minhas paixões me inspiraram, me conduziram e até mesmo me forçaram a ser um escritor e a tratar dos temas que tratei. Ou você ainda é um ingênuo sonhador que crê numa espécie de escritor imparcial com uma criatividade mágica?

Caso você ainda acredite em coelhinho da páscoa, então pare de ler agora, ou não, talvez você queira ver onde vai dar isto tudo, pois já está quase no final deste prefácio e não há motivos para desistir agora, então vamos lá. Para finalizar esta introdução e para que você possa se deleitar com minha vida, ou mesmo se irritar com ela - se é que isto já não está ocorrendo -, reservo o direito de fazer uma autodefesa, sempre presente em autobiografias, e que gostaria de deixar clara logo de início. A questão é bastante evidente, quero dizer, um texto autobiográfico não pode ser uma obra completa, afinal, ninguém escreve depois de morto. Deste modo, não fui eu quem escreveu este livro, apesar e contrariamente ao nome dado, e nem mesmo fui eu quem escrevi esta introdução. Pois você acreditaria que eu, amante renomado de obras completas e grande escritor, faria uma obra incompleta ou mesmo começaria um livro por seu início? Você realmente acha que eu deixaria uma obra inacabada?

Lembrança de morrer, de Karl Von Hollerman

Dentro de um escuro armazém eles ouvem o barulho do mar. Marcos ajeita o seu monóculo e observa as horas, 11:30; Pascoal fica ansioso. Algum tempo depois, Mário Campos chega com os três mercenários, para o alívio dos outros.

_ Sentem-se camaradas. Diz Marcos, um senhor baixo e esguio, com poucos cabelos brancos e seu monóculo estilo "pince ez".

_ Quando veremos a grana. Reclama um mercenário.

_ Logo, logo. Diz Pascoal, acalmando-o.

Num quadro negro, Mário Campos traça os planos:

_ Camaradas mercenários, aqui está o Banco Internacional de Lisboa, onde guardam-se fundos dos Estados Unidos; redistribuir esta renda é nosso primeiro passo, pois não temos fundos para o plano principal.

_ Qual será o plano principal?

_ Quanto ganharemos?

_ Acalmem-se camaradas, um passo de cada vez, primeiro o banco, depois o plano principal, e depois o seu dinheiro, que será realmente satisfatório. Certo?

_ Certo!

_ Então, encontre-nos neste endereço, é nosso esconderijo, lhes passaremos o material e mais informações. Diz camarada Marcos, entregando-lhes um papel.

No dia seguinte, Marcos, Pascoal e Mário Campos tomam seu café no modesto esconderijo e aguardam os mercenários.

_ Será que eles conseguem?

_ Este é o primeiro passo, o grande resgate vem depois.

_ O resgate vai ser bom para esses portugueses aprenderem a roubar nossa cultura. Fala camarada Marcos.

_ Eles chegaram.

Após alguns minutos revendo o plano, os mercenários pegam as armas, um furgão e saem. Enquanto isso, os três ex-comunistas tentam disfarçar sua ansiedade. Pascoal diz:

_ Como vamos explicar para estes mercenários alienados quem é Álvares de Azevedo?

_ Nós contratamos brasileiros por isso, eles vão ter que lutar pela causa, camaradas. Explica Marcos.

_ Olha aqui Marcos, a época da ditadura já acabou, o comunismo é passado entende, passado! Diz Mário Campos.

_ Eu não vou discutir isso; ninguém está falando de comunismo, temos que resgatar algo, essa é nossa causa!

_ Voltando ao assunto, temos que dar uma aula sobre Álvares de Azevedo para eles, assim eles poderão entender.

Todos concordam. Enquanto aguardam os mercenários, eles começam a discutir como seriam os ensinamentos sobre o poeta. Após muita discussão, decide-se que Marcos, o reitor da UFRJ, formado em letras, explicaria quem foi Álvares de

Azevedo. Pascoal, sociólogo experiente, explicaria a função sócio-cultural do poeta. Mário Campos, um dos líderes do PT, faria os planos para o próximo passo.

Na manhã seguinte todos tomam café, o assalto foi um sucesso, mas com um porém, um dos mercenários foi capturado enquanto procurava algo em meio a alguns disquetes no banco.

_ Ele não fará falta. Diz um mercenário.

_ É bom que sobra mais grana para nós; diz o outro.

_ Nunca é bom ter perdas deste tipo, esclarece Marcos, mas agora não podemos fazer mais nada.

_ Prontos para a aula, camaradas? Pergunta Pascoal.

Os mercenários, mostrando algum interesse, acenam positivamente. Marcos se levanta e inicia o seu discurso:

_ Manuel Antônio Álvares de Azevedo foi o maior poeta romântico do Brasil, ele cursou direito em São Paulo em 1847, e na faculdade começou a escrever sua obra (poesias, contos, ensaios, traduções, etc.). Sua primeira publicação foi em 1853, ele reuniu seus melhores poemas no livro: "Lira dos vinte anos". Depois publicou livros não menos importantes até chegar em 1942, quando foram publicadas suas obras completas. O poeta tinha influências visíveis de Lord Byron e Musset. Suas poesias falavam de amor, já que era romântico, e de morte. Álvares de Azevedo tinha tuberculose, doença que o levou a morte em 1852, quando tinha apenas 21 anos, com somente cinco anos de produção literária. Ele nasceu em São Paulo e foi um exemplo brasileiro.

Os mercenários, por incrível que pareça, prestaram atenção e até gostaram do que ouviram, devido ao grande poder de oratória do reitor. Foi a primeira aula de suas vidas, eles mal sabiam ler; como crianças inocentes, começaram a fazer mil perguntas... esclarecidas e respondidas estas perguntas, Pascoal tomou o lugar de professor e começou seu discurso sobre a importância sócio-cultural do poeta brasileiro:

_ Bem, camaradas, o romantismo, movimento literário do qual Álvares de Azevedo fazia parte, não foi um movimento brasileiro e nem teve tanta importância em nosso país. O romantismo foi criado no século XVIII na Europa. É claro que, como todo movimento literário, o romantismo tinha padrões a serem seguidos, e como Portugal era o país europeu mais ligado ao Brasil, os portugueses ditavam as regras românticas para os brasileiros. Aí é que entra Álvares de Azevedo. Sua maior contribuição para o Brasil foi libertar-se da influência portuguesa e criar um caminho próprio para a literatura brasileira. Este poeta libertou o Brasil de mais uma opressão, dos piores tipos, a imposição cultural.

Depois desta aula dada por Pascoal, com um tom não menos eloqüente que Marcos, os mercenários ficaram tomados por uma insanidade fanática, contagiados pela causa, a qual nem sabiam qual era. Estavam loucos para ouvir poesias, estavam até querendo ler. Após outras milhares de perguntas,

os mercenários deixaram, enfim, Mário Campos contar-lhes o tão importante plano principal:

_ Bom, estou muito satisfeito por vocês terem gostado dos ensinamentos, vou explicar-lhes agora o plano principal. Vejam bem, Álvares de Azevedo era um poeta brasileiro, ele pertencia ao Brasil, certo? Então, ele escrevia seus livros manuscritamente, esses manuscritos ainda existem e por algum motivo que nós não entendemos, pertencem a Portugal e não ao Brasil. E o mais interessante é que ninguém faz nada em relação a isto, nenhuma autoridade, nenhum brasileiro, ninguém, entendem? Então, estes manuscritos, muitos poemas importantes e conhecidos, estão em exposição no Museu de Arte Manuel Basílio, no centro de Lisboa. O nosso plano é resgatar estes manuscritos e devolvê-los ao Brasil, seu país de origem. O que acham?

Enquanto isso... Numa sala fria e escura.

_ Você não vai mesmo me dizer onde se escondem seus comparsas? Eles roubaram 5 milhões em dinheiro americano, se você me disser sua pena poderá cair pela metade, meu caro.

_ Não vou dizer, vocês vão matá-los, eu conheço a polícia.

_ Olhe, você não está no Brasil, aqui é diferente, eu garanto a vida de seus amigos. E mais, se eles devolverem o dinheiro, suas penas vão cair pela metade.

_ Sério?

_ Claro, meu caro.

_ Se for para o bem deles, então eu digo.

Mais tarde...

_ Como eu estava lhes dizendo - Mário Campos ajeita os óculos - esses portugueses são burros mesmo, guardam dinheiro estadunidense a sete chaves, enquanto a cultura quase não tem segurança.

Pascoal se levanta:

_ Nós já fizemos os planos, são dois seguranças sem armas de fogo, os manuscritos estão no primeiro andar. Vamos precisar de três homens, eu vou com vocês. Você (aponta para um mercenário) rende os 2 seguranças desarmados. Você vigia a porta para ninguém entrar nem sair, enquanto eu recolho os manuscritos. Teremos que agir depois de amanhã, logo quando abrir o museu, vai ser fácil se tudo correr como planejado.

_ Parece fácil. Diz um mercenário.

_ Porque não vamos amanhã? Diz o outro.

_ Porque nós precisamos ter os passaportes para o Brasil em mãos, precisamos de um outro carro, disfarces e novas armas.

Quarta-feira, dia D, 6:00.

_ Estão todos preparados?

Os mercenários acenam positivamente.

_ Logo após o resgate voltaremos para a base, e amanhã bem cedo partiremos. Diz Mário Campos.

_ Tomem os comunicadores. Os passaportes estão em ordem.

Confiantes e otimistas eles partem.

Ficam no esconderijo Marcos e Pascoal, muito ansiosos é claro; eles preparam o primeiro café do dia e acendem os charutos. Naquele ambiente enfumaçado, onde encontram-se os dois insanos intelectuais, há também um livro; Pascoal pega-o e passa para Marcos, em silêncio ele abre o livro, do qual agora vê-se o título: "Lira do vinte anos". Marcos realiza um ritual cotidiano, o sorteio clássico, ele se pronuncia:

_ Caiu no meu preferido.

Solidão

Nas nuvens cor de cinza do horizonte
A lua amarelada a face embuça;
Parece que tem frio, e no seu leito,
Deitou, para dormir, a carapuça.
Ergue-se... vem da noite a vagabunda
Sem xale, sem camisa e sem mantilha,
Vem nua e bela procurar amantes...
- É doida por amor da noite a filha.
As nuvens são uns frades de joelhos,
Rezam adormecendo no oratório...
Todos têm o capuz e bons narizes
E parecem sonhar o refeitório.
As árvores pra...

_ Grupo de resgate para base, grupo de resgate para base.

_ Macacos me mordam, fui interrompido na melhor parte.

Pascoal pega o comunicador e, após alguns segundos, volta-se para Marcos:

_ A operação foi um sucesso, eles estão vindo, prepare uma mesa de leitura enquanto eu preparo o café; o poema fica para depois, agora temos o original.

Os dois eficientemente preparam tudo. Chegam os outros: Mário Campos com duas valises negras nas mãos e os mercenários bem armados dando cobertura.

_ Não fomos seguidos; diz um mercenário.

Um êxtase que chega a ser infantil toma o pequeno barraco, os três ex-comunistas avançam cuidadosos sobre os papéis, relativamente bem conservados, e apesar da letra em estilo gótico, saboreiam cada sílaba. Eles sentiam aquele gosto de desejo realizado, de vitória absoluta... Isso até ouvirem um grande clichê que cortou a sensação de vitória:

_ Vocês estão cercados, saiam com as mãos para cima.

Uma grande tensão tomou o recinto.

_ Você disse que não fomos seguidos, idiota!!!

_ E não fomos mesmo. Responde um dos mercenário enquanto carrega sua automática.

_ Idiota, idiota, idiota.

Por iniciativa dos mercenários, inicia-se um grande tiroteio, paredes perfuradas, balas para todos os lados. Uma insanidade obsessiva toma conta de Marcos, ele recolhe cada manuscrito e os leva para o banheiro. Pascoal e Mário

Campos, sem saberem o que fazer, o acompanham. Um mercenário é abatido, os tiros estão por todos os lados; eles sentem a fria morte se aproximando; render-se? Nunca. Como um último ato, Marcos distribui partes de um mesmo poema para todos. As paredes de cortiça do pequeno banheiro não resistem. Enquanto sente seu corpo sendo perfurado, Marcos lê o poema:

Lembrança de morrer

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece o vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.
Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro...
Como as horas de um longo pesadelo
Que desfaz ao dobre de um sineiro...

O sangue de Marcos banha o manuscrito, sua boca se cala, os olhos se fecham. Também ferido, esforçando-se para se manter vivo, Pascoal começa a recitar:

... Só levo uma saudade - é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
E de tí, ó minha mãe! pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!
De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos, - bem poucos! e que não zombavam
Quando, em noites de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.
Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei!... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!...

Pascoal também abandona o mundo dos vivos, faz questão de encharcar o manuscrito com seu próprio sangue, seu coração se cala. Mário, como se alguém o ouvisse, lê a última parte do poema em voz alta:

...Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ô minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!
Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
- Foi poeta - sonhou - e amou na vida...

Neste momento a polícia invade o banheiro, arrombam a frágil porta de cortiça. Mário encara um agente antes de seu último suspiro, e como todos encharca em líquido vital os manuscritos, que também morreram ali, em mãos brasileiras.

Faça você mesmo, de Marcos Nunes

Nunca conhecera outro mundo. Não se lembrava de ter nascido, nem de ter conhecido sua mãe. Sua primeira lembrança deste mundo data de vinte anos atrás, quando procurava comida e já sabia que, ao mesmo tempo, tinha de se esconder de outros que faziam a mesma coisa. De lá para cá muita coisa mudou, os bens já escassos naquela época se esgotaram, e a saída foi o desenvolvimento de técnicas para captação de recursos, quer dizer, começar tudo de novo, reinventando processos para obtenção de água, plantio de frutas, verduras e legumes, edificação de estruturas que servissem de moradia, feitura de ferramentas, objetos de uso doméstico, e tudo o mais e sobretudo o mais complicado: como fazer fogo?

Mais complicado? Não, nada mais difícil, na verdade, do que contatar gente. Ficaram todos arredios, assustados, poucos dispostos a colaborar com o outro para conseguir realizar tarefas que beneficiassem a todos. Por que fariam isso? Tudo não começara justamente para fugir da associação? Os poucos que sobreviveram ao século vinte e um vagavam como loucos pelas ruínas, gritando palavras de ordem antigas, e sobretudo a fórmula que parecera genial, a última, grande e fatal solução: "faça você mesmo".

O mundo perfeito, o que seria um mundo perfeito? Fácil responder isso no século vinte e um: um mundo centrado nas necessidades de cada indivíduo. Um mundo para o indivíduo, onde cada vez mais ele pudesse resolver, sozinho, seus próprios problemas, sem ter que contar com a colaboração de ninguém para nada. Self-service, era a fórmula, auto-atendimento. Começaram com esquemas simples, como pegar a própria comida, utilizar equipamentos eletrônicos de uso estritamente pessoal, realizar transações bancárias sem sair de casa, comprar tudo sem ter de levantar-se da cadeira em frente ao computador. Logo, cada um estava fazendo as próprias roupas, criando seus próprios animais de abate, cuidando de sua própria horta. É claro, somente aqueles que tinham oportunidade de fazê-lo, aqueles que tinham previamente adquirido propriedades que lhes facultassem o isolamento completo do fazer coletivo; a maioria, sem fontes de renda e de auto-realização, partiu para o saque, para a desapropriação. Contudo, sem qualquer programa abrangente, a batalha se travava como tudo se resumisse em outra fórmula: o mais forte e mais apto sobrevive.

O "faça você mesmo", última evolução, paradoxalmente provocou a involução; em questão de poucos anos, retroagiu toda a humanidade ao estado tribal, ou ainda pior que isso, a um estado em que sequer as tribos sem compunham para defender a sobrevivência da espécie. Assim, poucos como ele vagavam pelo planeta arruinado; uns milhares à sua volta, uns poucos milhões pelo planeta inteiro.

Faltando contato humano, a comunicação restringiu-se a poucas palavras, que serviam basicamente para ameaçar e

defender o pouco obtido por cada um. Era preciso desenvolver também um novo vocabulário, mas para isso era preciso o contato com outro ser humano, a conversa, o acerto, a vontade mútua.

Faça você mesmo, ele pensava com essas poucas palavras, tentando fugir da fórmula básica. Faça você mesmo, fazer o que, o que posso fazer? Posso tentar falar com alguém, mas como, o que falar, falar "faça você mesmo"? "Seja feliz, você só precisa de você"? Lugares comuns de quando havia uma máquina publicitária para imprimir em cada um a necessidade de um egoísmo superdesenvolvido?

Como se aproximar de alguém, se quando fazia-se isso era para estuprar o outro, mantidos que estavam os desejos sexuais? Toda vez que se aproximava de outra pessoa, o medo interpunha-se, a idéia: quem forçará quem?

O dia acabara, estava na hora de recolher-se à toca, na verdade uma construção semidestruída, entre tantas outras na mesma rua completamente esburacada, onde moviam-se apressadamente uns tantos viventes miseráveis. Aquela toca tinha sido, na verdade, uma grande casa, à frente de um grande terreno, com jardim, piscina, salão de festas, garagem e quadra de esportes. Tudo que sobrara foram três cômodos intactos, utilizados antes como cozinha, sala de estar e sala de visitas; todos os quartos foram postos abaixo, como as garagens e o salão de festas, enquanto a quadra de esportes fora transformada há muito em uma horta.

Espalhados pelo chão de um dos cômodos, livros eram às vezes utilizados para atizar fogo. Centenas reduziram-se em poucos anos a não mais que trinta, havendo a necessidade de procurar por mais em outros prédios. Sem qualquer razão, resolvera não se desfazer desses trinta, e de vez em quando folheava-os a esmo, sem saber o que continham. Não sabia ler nem escrever, e aqueles símbolos eram tão legíveis para ele como as estrelas no céu.

No entanto, era capaz de emitir alguns fonemas, e esses fonemas formavam palavras, e essas palavras eram inteligíveis tanto para si quanto para muitos outros. Faça você mesmo, pensava, e assim foi que recolheu alguns desses livros e se dispôs a obter, deles, alguns elementos que possibilitassem a criação de um novo vocabulário, palavras que não servissem de ameaça ou para expressar o medo, mas palavras que servissem para dizer ao outro: venha, façamos juntos, sejamos melhores, vamos iniciar um tempo de cooperação, de entendimento, de reconhecimento de que as necessidades são mútuas, e não únicas ou satisfeitas apenas na solidão.

Teve às mãos um livro repleto de preceitos, de velhos costumes, de uma velha ordem. Conseguiu decifrar muitos trechos, mas logo percebeu que era inutilizável. Continha verdades demais, palavras de ordem demais, um tipo de "faça você mesmo" oculto no "faça pelo outro", que invariavelmente era fazer por alguém para tirar vantagem do que era feito.

Sem saber, não queria as velhas utopias; sem saber, vivia o mesmo caminho das velhas utopias; sem entender, trilhava o caminho para o outro com dúvidas equivalentes àquelas que levaram ao ocaso o que havia sido uma civilização.

Mas havia tempo e espaço à frente, como também muitos que, como ele, olhavam para o outro e pensavam que mesmo nos tempos ruins festas comemoravam a graça da união. Fazamos todos nós, ele escreveu, de maneira vacilante, com carvão, no muro ainda branco que cercava o que fora um estádio de futebol. Ficou durante algum tempo olhando para o muro, pensando se estavam corretos os caracteres, e estavam, porque havia copiado de um livro, com muita atenção. Um tanto de outras criaturas passavam e também olhavam para aquilo, e se lembravam. Ele repetiu para si mesmo: tempo recuperado, tempo redescoberto. Como lera em um de seus trinta volumes, acerca de um breve instante, aromas de chá e biscoitos, e repentinamente as lembranças fugazes tornavam-se como que palpáveis, concretas e eternamente refeitas em todos os instantes, naquele momento. Naquele momento.

Encarada em seu dinamismo, a obra de arte é um processo de formação das imagens na sensibilidade e na inteligência do espectador. É nisso que consiste o aspecto característico de uma obra de arte verdadeiramente viva, o que a distingue das obras mortas, onde se leva ao conhecimento do espectador o resultado representado de um processo de criação que terminou o seu curso, em vez de o envolver no curso desse processo.

Serguei Eisenstein

Porque minha caixa de correio está vazia?, de Ubirajara Neiva

Você se lembra daquela sensação gostosa de abrir a caixa de correio e encontrar um envelope com as bordas em verde e amarelo, com selos da fauna e flora brasileira e com letras grandes escritas de caneta bic azul, no seu nome?

É, era uma sensação gostosa, algo que despertava uma curiosidade provinciana que, quando aberta e lida por completo, deixava um gostinho de quero mais. E para ter mais era preciso responder, ter todo o trabalho de criação, escrita e o cuidado com a letra, envelope, enfim, o ritual completo até chegar ao destinatário. Depois disto feito, era esperar que chegasse ao destino e que o receptor, ao partilhar das mesmas sensações que você, tivesse o mesmo ímpeto em continuar com o canal de comunicação aberto e enviar uma nova remessa de sensações desconhecidas.

Bem, depois de despertar em você essa vontade de correr à caixa do correio e encontrar uma carta redigida à mão, salvo minha pretensão, claro, sinto muito mas vou lhe dizer uma verdade: "acabou, tá!". É uma triste constatação mas com o advento do famoso *e-mail*, que quase todo mundo tem e quem não tem fica louco para ter, a antiga carta de três, quatro, cinco páginas escritas com cuidado e prazer, simplesmente, saiu da pauta. E por que?

A alegação da praticidade e rapidez na comunicação é a maior arma desse forasteiro que tem parentes fortíssimos na modernidade. É *e-commerce*, *e-bussiness*, "e-quase tudo", e basta acessar a internet para encontrar a família do *e-mail*. Ele é virtualmente potente, não sei quantos megas de capacidade, não sei que velocidade, é tanta coisa que em verdade agente nunca sabe tudo mesmo, quase sempre se sabe muito pouco. Mas o importante é ter um *e-mail* e usá-lo e divulgá-lo e mostrar que tem e.... essa coisa toda que todo mundo sabe porque ter um significa estar na rede, estar *up*.

Às vezes procuro meus arquivos com velhas cartas de família, amigos, amores, e vejo o quanto era bom, como era revelador o fato de se abrir um envelope e extrair daquelas simples folhas um conteúdo tão forte emocionalmente. Mas hoje, você acha que escrevo carta? Envergonho-me desse depoimento mas acabo optando pelo herói moderno da comunicação, com sua armadura cibernética e suas potentes fibras óticas. Chega rápido, volta rápido, não se suja a mão de cola, não se paga, não se desloca até os correios, enfim, é prático, assim como tudo na "pós-modernidade".

E daí, onde vai essa lorota? Bem, nem eu sei, só sei que gostaria que voltassem os tempos nostálgicos das cartinhas de amor, dos bilhetinhos coloridos, aquele tempo que eu sei que todo mundo se lembra, em que você não ficava simplesmente sentado em frente a uma tela, lendo e dando "deletes" nas suas correspondências.

Radim, de Fabiano Moreira

Maurício costumava chegar em casa às 21 horas. Hoje conseguira sair mais cedo. Antes haveria de passar no supermercado. Com o dinheiro que ainda lhe restava compraria ovos, biscoitos e café. Não parece dar boa estória. Ou pelo menos não se formos valorizar apenas o clássico ponto de vista no qual se dá atenção a algo que cresce progressivamente transquebrado por quedas e de repente até atingir ápices seguidos por calmos sentimentos, onde o herói se rejubila em deleite. Ou então após o píncaro haveria gloriosa queda, que, às avessas tornaria-se um ápice a seu modo. Também poderia ser assim, certamente.

No entanto darei ênfase a um outro tipo de estrutura na qual o enfoque não estará no herói (Maurício), nem no em si das descritas situações (supermercado, casa, banho, sono do bom trabalhador). O enfoque estará em picuinhas, isso mesmo, picuinhas de fundo psicológico. Começemos, portanto.

Maurício saíra mais cedo de seu trabalho devido a um terrível incidente com seu chefe. Nervoso e suado, o patrão mantinha um sistema rígido de controle de seus funcionários. Essa rigidez era amaciada somente em situações onde sua esposa se interpunha. Vou explicar. Certa tarde, quando ainda faltavam 15 minutos para que Maurício e os outros fossem liberados do banco, Azevinha aparecera de olhos vermelhos e bafo de cachaça quente. Quando ela grunhiu as primeiras palavras, a ação do sábio chefe foi imediatamente dispensar seus funcionários. Afinal, gordas escandalosas representam gordurosas manchas na reputação de um chefe. Era a mais sensata coisa a se fazer.

Pois bem, a situação aqui é semelhante. Jonas havia dispensado Maurício assim que sua mulher fez mais uma de suas desagradáveis surpresas. Com o suor escorrendo da testa, Maurício adentrava o supermercado que havia diante de seu ponto de ônibus.

Esbarrou por algumas senhoras de classe média carregando crianças e inúmeros produtos coloridos nos carrinhos. Após escolher o seu e se pôr a andar calmamente foi aos poucos relaxando. O humor já se alterava para melhor. Melhorzíssimo quando o cheiro quentinho lhe tocou o nariz, aguçando-lhe o paladar.

Uma mulher sorridente e magra, servia cafezinhos. Maurício tomou um café gratuito, depois mais dois, só não tomou mais por educação. Não que houvessem mais pessoas na fila, nem mesmo havia fila. Mas ele não abusaria, ninguém gosta da palavra "abusar". A moça, ansiosa por ser dispensada e ir para casa mais cedo, trabalhava cansada. Talvez fosse por isso também. Pela imediata identificação. Foi quando Maurício resolveu insistir para que ela também tomasse um café.

- Moça. Por que é que você também não toma um cafezinho? Por acaso não gosta?

- Gostar eu gosto, moço. O problema é que não me é permitido tomar deste café. São amostras para vocês consumirem, não para mim.

- Mas também é uma consumidora de café, Aline (estava escrito numa pequena plaquinha, perto do bolso de sua blusa), tem todo o direito de experimentar. Além do mais, não é abuso nenhum experimentar ao menos um copinho.

- Está bem. Já que não há mais ninguém por perto querendo que eu sirva acho que não vai fazer mal. Disse Aline virando numa única golada todo o café do copinho plástico.

Maurício comprou o café mais barato quando prosseguiu nas compras e alguns biscoitos de polvilho para acompanhar. A última coisa foram os ovos, uma abundância de proteínas envolvida por uma estilosa armadura de cálcio. Sempre gostara do formato único de um ovo. O poderoso e alquímico símbolo de suas refeições.

Quando estava virando com a caixa de ovos, rumando em direção ao caixa rápido... PLESTHCS... esbarrara numa mulher negra de estatura baixa que estava distraidamente fazendo contas com uma calculadora. Assustada, ela olhou para Maurício e disse:

- Desculpa, moço... nem o tinha visto passando...

- Nota-se. Disse Maurício com tediosa frieza.

Teve que ir para casa sem os ovos. Levava consigo apenas o café e os biscoitos. Era suficiente, visto que almoçaria na casa de um amigo no dia seguinte. No ônibus resolveu ficar em pé. Gostava de se balançar a medida que se aproximava a sua rua. Chegando já foi logo descendo. Subindo as escadas já foi logo entrando em seu apartamento.

As luzes todas apagadas. Mal dava para se perceber a humildade do lugar. Maurício não havia pago a conta de luz. O telefone ainda funcionava mas só recebia chamadas. Hoje desligaria o telefone. Queria paz, queria uma solidão contemplativa que só o silêncio e a ausência de luz poderiam lhe dar.

O banho de água fria no escuro era revigorante. Adorava sentir o gosto da água. Gostava da palavra: "refrescar" e isso era facilitado pela sua imaginação quando esta lhe proporcionava um cenário onde uma cachoeira suave lhe banhava involuntária sob o sereno da noite. Estava fazendo tanto calor que Maurício nem mesmo se vestiu. A nudez combinava com a escuridão.

Com as janelas todas abertas a casa recebia uma arejada muito ilusória mas muito significativa também.

Acendeu uma vela com seu penúltimo fósforo. Com a leve iluminação da chama podia preparar o seu café e lavar um pouco de louça suja que ia se concentrando na pia. Fazia sempre questão de muito açúcar. Bem como as formigas que lhe faziam companhia. Retirou cuidadosamente o açúcar para que nenhuma formiga fosse junto no processo de adoçamento da água que brevemente ferveria. Derramou propositadamente um

pouco na pia. Certamente gostaram da oferenda de seu anônimo benfeitor.

Sentou-se no sofá com sua caneca na mão. Seus pés formigavam. Deu uma boa golada de seu café que se indecidia: mais doce ou mais amargo? Mordeu um biscoito de polvilho. A vela tremeluzia calmamente. Um perfume de bife fritava no apartamento vizinho. De repente até suspirou. Não era só o ambiente, a serenidade de seu lar, nem mesmo era a riqueza de sensações que seus sentidos absorviam. Era o pequeno rádio preto sobre a mesa. Mesmo desligado o radim irradiava presença.

Ligou-o, radim de pia. A voz do narrador era quase um sussurro de empolgação. Não sabia nem mesmo quem jogava mas a alegria lhe encheu os olhos de luz. Foi necessário apagar a vela e aproximar o radim de seu ouvido. Aquela intimidade lhe dava um frio na barriga. A empolgação do narrador pulsava em suas veias, bania suas preocupações. Teve de dar mais uma golada. Alguém marcou gol. Maurício calava-se em êxtase.

*Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de
palavrar. As palavras são para mim
corpos tocáveis, sereias visíveis,
sensualidades incorporadas.*

Fernando Pessoa

Fantasia cabocla?, de Carlos Alberto de Sousa

A polícia de Curumimirim, pequena cidade no interior da região metropolitana de Tapiapuçu, está a caça de uma estranha criatura vista perambulando pelo centro da cidade na noite de ontem.

Esta criatura, segundo testemunhas, foi vista saindo da praça central e indo para o distrito industrial da cidade. O sargento Garcia, responsável pelo caso, disse que, segundo depoimentos, era um ser de aproximadamente 2 metros e meio, todo peludo, com os olhos em cor de brasa e que corria em uma velocidade espantosa, soltando grunhidos assustadores.

Muitos dos habitantes da cidade acreditam em figuras fantásticas, o que dificulta o trabalho da polícia local, o fato é que todos têm algo a dizer, mas ninguém aparece com nada de concreto que possa dar a localização do bicho.

A Sra. Beata Beatriz, 85 anos, moradora do centro da cidade, acredita ter visto um lobisomem; "ele tinha dentes enormes, e bufava como um touro!" Comenta apavorada a senhora.

Beatriz está em pânico, ela disse que desde criança ouviu relatos sobre o lobisomem, e que ele ataca as mulheres quando não está comendo goiabas na quaresma. Dona Beata disse que já trocou todas as fechaduras da sua casa. Ela conta que se tranca em casa todos os dias às 7 horas da noite e reza 20 terços pela sua proteção.

Antônio Duarte, fazendeiro da região, estará organizando uma equipe para caçar o Danado. Duarte afirma que na noite passada, sua porca de estimação, Carolina, foi morta e comida, no bom sentido e não necessariamente nesta ordem, por isso vai achar o bicho, arrancar sua pele e vingar a morte da sua querida Carolina.

Toda a população da cidade está apreensiva, segundo alguns transeuntes que não quiseram se identificar, esta figura já foi vista várias vezes perambulando pelas ruas, e a polícia só está se envolvendo no caso agora por causa de Carolina. Eles dizem que nunca houve um crime na cidade e como a polícia não tem o que fazer, está caçando acusados de suinocídio.

O estudante de comunicação social Jorge Joaquim, disse que o fato não passa de uma influência das tecnologias midiáticas e das relações fragmentadas produzidas pela pós-modernidade. Ele se diz apocalíptico com relação a essa manipulação que os meios de comunicação exercem na massa e complementa: "precisamos criar uma nova hermenêutica para a pragmática do sentido social!!! Só assim estaremos salvos!!!". Segundo Joaquim a criatura era na verdade seu amigo Maine, que gosta de um baseado do bom (sic).

O Maine, conta, tinha conseguido uma erva transgênica trazida da Colômbia e que tinha o efeito de uma bomba. "Ele fumou um tora, e como estava muito calor, resolveu tirar a

roupa na praça para ficar mais a vontade. O doido deitou no jardim, e não percebeu que estava em cima de um formigueiro. Quando deu por si estava todo coberto de formigas, saiu correndo sem direção e gritando de dor. Se o confundiram com um bicho é por que ele tem mais pêlos que o Toni Ramos". Com relação à Carolina, Jorge deixa claro: "Maine detesta porcaria e é a representação pós-moderna do Negrinho do Pastoreiro!!!".

O Dr. Ludwin Picchu esclarece que a figura do lobisomem faz parte da tradição de várias culturas. Segundo a lenda, o lobisomem é um homem amaldiçoado que nas noites de lua cheia tem o poder de se transformar em uma criatura metade homem metade lobo. No Brasil a tradição dá conta que o lobisomem só aparece na quaresma e é vegetariano, se alimentando preferencialmente de goiabas. "O lobisomem brasileiro é primo do lobo guará", conta o doutor, "que inclusive está em extinção". Se for confirmada a existência de algum espécime em Curumimirim, Picchu espera que ele seja capturado vivo, assim a ciência poderá tentar reproduzi-lo em cativeiro para salvar os guarás do desaparecimento.

Até o final da edição do jornal não recebemos mais nenhuma informação sobre o Bicho. A polícia está no encalço da criatura, e qualquer nova informação será divulgada nos próximos números.

Do que tal se infere serem os neologismos de um sertanejo desses, do Ceará ou de Minas Gerais, coisas de desadorno, imanejáveis, senão perigosas para as santas convenções. Se nem ao menos tão longe, mas por aqui, no Estado do Rio, nosso amigo Edmundo se surpreendeu com a resposta, desbarbadamente hermética, de um de seus meeiros, a quem perguntara como ia o milho: - "Vai de minerol infante." - "Como é?" - "Está cobrindo os tocos..." O que já pode parecer excessiva força de idéias.

João Guimarães Rosa

Espaço da ausência, de Fabiano Moreira

Onde cada partícula do viver é saudade. A percepção pura e ajustada de que estamos escorrendo pelas bocas-de-lobo. (É a morte quem toca a campainha?) Quem terá coragem de contemplar o olhar que nos olha de fora (pelo olho mágico)?

Pois naquela casa reinava absoluto o entardecer do sigilo. Não, nada de brisa, nem grilos de roça, nem cheiro de cabras, nem sombra das frutas, nem infâmias, nem ternura, nem acidentes domésticos. Tudo saqueado no que antes havia sido (o coração) um sítio. Como aquilo poderia ter acontecido? (Não) não se podia contar. Não restou quem pudesse dizer (não). Só restaram evidências.

No lado oposto ao espelho que se sobressaía no leste: O outro quadrante da sala, onde a lareira aconchegava pequeninos torrões de cinzas, alguns fragmentos de madeira úmida, no emaranhado de gravetos pretos, alguns bonecos de palha descabelados, semigrelhados por chamas recentes. Sobre a lareira uma cabeça de boi enfeitada o ininfeitável. Seus olhos murchos se fitavam no outro lado, abrangendo.

Também outros cantos da sala abrangiam estes perscrutáveis olhos. Um vaso e uma flor (de plástico). Uma mesinha de pedra, as pernas viradas para o teto, onde parecia haver um grande candelabro, desses que acrescentam encanto a todos os tipos de festas.

A ausência da luz deslustrava o que sobrara das pratarias. Colherinhas, dessas de mexer chá (de capim-da-lapa), distribuídas irregularmente, do centro à lareira. O que estariam fazendo ali?

Na cozinha estavam mais colheres. Uma faca melada de geleia, ao sabor de cinco formigas encrascadas. Uma panela, onde cabia o Atlas, moldada para um clã inteiro, exibia sua vazieiz. Pela quantidade de pratos quebrados a comida ali devia ter sido farta e saborosa. O (imenso) armário de bebidas estava destituído de alegrias.

Um livro de contos de fada se esparramava sobre o que fora a cama de uma menina. Nas páginas 12 e 13 podia-se ver um castelo nas nuvens, destes que já não existem mais (nem mesmo nos sonhos dos bebês mais fofos). Logo abaixo:

"A imperatriz Diáboa se debruçava na janela a ver nuvens. Entristecia-se por estar escondida a glória de Parádeisos. O castelo parecia se mover para o oeste, o que jamais havia acontecido. Rezava à todas as luas por um príncipe herói ou encantada madrinha que viesse lhe trazer esclarecimento, socorro e um pouco de alento.

Foi quando ouviu o rosar do dragão Onredom-Sop. As pessoas popopavam (poppoppop)"

À medida que a noite se aproximava daquele velho sítio morto, mais difícil ficava ver o desenho, quanto mais as letras. O vento podia mudar as páginas, mas não mudava. Sem

ninguém para lê-las o livro não funcionava e se enguiçara. Seus adjetivos já não enfeitavam mais, seus substantivos jaziam paralisados no intervalo comercial do limbo.

Rolos de tricô que há muito desistiram exibiam a última saia. Inacabada e vermelha, abundante de girassóis bordados, em potencial.

Então, o escuro tomou o lugar do barulho e fez da casa uma festa de sombras imóveis. Os retratos na parede estavam sem nome, os perfis apagados. Só restavam montanhas através das janelas abertas, mais parecendo gordos cavalos doentes (capados), deitados (chapados) sob o céu das estrelas: seu delírio incessante de todas as noites. O Buda de jade meditava necessariamente nessa direção, decapitado sobre a estante. A cabeça largava-se (estatelada) perto de uma (abandonada) bota.

Então a quietude chorou expectativas. Os aplausos do nada eram erudição. O jeans estendido sobre a cadeira... (Movia-se.)

(A perna esquerda da calça) Ensaia um reflexo...

Silêncio (de novo)... "Shhhhhhh" desdizia a mudez...

A calça parou novamente, a ilusão tropeçou. Até que da boca, surgiu.

Da boca da calça sorriram dois vitoriosos olhos. A casa sentiu seu arrastar e a escuridão (exausta) lhe envolveu em carícias de paz. A serpente cruza a sala sem deixar rastros, resolvendo fazer seu ninho bem aqui, na desértica abundância deste espaço. Aqui fará sua cultura (esta serpente).

*Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.*

Carlos Drummond de Andrade

Das existências, de Carlos Frankiw

Prelúdio de Odriscus

... O sol queimava forte, o fantasma ainda ao seu lado... O silêncio perturbante, o fantasma ainda irrequieto em seus delírios... As ondas suaves contra rochas atemporais, o fantasma ainda a resgatar suas memórias... Ilhas ainda desertadas ao horizonte, o fantasma consciente de sua ainda mortalidade... O passar pesado abaixo de nuvens aos céus, o fantasma ainda agonizante de seu tempo... A areia a esquentar desejos, o fantasma ainda entre suas desesperadas cegueiras... Brasa ardendo primórdios, o fantasma sem coragem frente ao seu desconhecido... Chamas interludiais, o fantasma questionante em prévias respostas... Cinzas ao solo, o fantasma a temer perguntas... A ampulheta e a bússola sem destino, o fantasma nas balanças dum ainda dilema... O véu escancarado ao infinito, o fantasma ainda a sonhar por pesadelos... A sombra duma cruz, o fantasma ainda tem seus pecados... Sonhos entre desejos, amargo o gosto do último rum... Amarga sua boca, sorriso por seus lábios secos... Sorriso de inconsciência, destino intempestivo em busca de seus perdidos... Destino inquieto em sua marcha, o livro das dúvidas finalmente a se abrir... Livro residindo em tua dúvida, páginas ainda não escritas... Páginas amareladas, máscaras disformes na complexidade... Máscara a pender teu segredo, correntes a se arrastar ao labirinto... Correntes do mistério, a areia ainda a cair nas ampulhetas eternas... Ampulheta da inexorabilidade, o pêndulo a fazer seu movimento... Ao fim das linhas do espaço, o fantasma inicia a tua jornada...

Prelúdio por Odriscus

Sonhos, desejos. Afinal, tenho lá meu gosto de encarceramento nos lábios. Abandona-se a realidade, abandonei o pêndulo há dois minutos no tempo.

O vento a soprar ao abismo, as páginas revirando na insensatez do livro que se abre em suas mãos. Ranger de correntes, ecos no abismo em tua frente, presságios do labirinto lógico. Ampulheta parada ao chão, o tempo cessa sua marcha num instante. Vozes dispersas do abismo, máscaras clareando nas névoas do poço ainda sem fundo.

Realidade abandonada, pêndulo que questiono. O simples fato de se direcionar alguma vontade consistindo na gradativa perda da liberdade. Direcionando-se um impulso, perdendo-se assim impulsos paralelos. Investindo-se com toda alma e vontade num sonho, ou num desejo. Neste impulso último, em minhas reflexões, sob a égide do criacionismo, mais se perde do que se ganha, mais se destrói do que se constrói. Sacrificando-se a liberdade, em nome da prisão interna dos desejos, de meus desejos. O ser humano, a partir de sua consciência, minha consciência, criando seus grilhões de existência. Sacrificando-se a liberdade, em nome duma

segurança inconsciente entre verdades estabelecidas, imutáveis e convenções às quais tememos a mutação.

O cigarro se acende, a brasa dá início ao seu discurso. Palavras declamadas ao abismo, sem forças ainda frente ao seu novo desconhecido. O grande pêndulo no seu ainda movimento.

Afinal, sempre se temendo mais as incertezas do que as certezas. Temo, sou humano. Criando a vida, recriando-a, criando a morte, recriando-a, de acordo com princípios do temor essencial. Tem-se prazer em se dizer, tinha esse prazer em dizer, verdades sem questioná-las. Precisa-se da verdade estabelecida, afinal. Precisei também dela, afinal. Precisa-se do absurdo da verdade existencial, precisei desse absurdo das verdades questionáveis sob o disfarce da imutabilidade. Não se prende ao pêndulo da dúvida, não por muito, apenas se criam novos pêndulos da verdade, cuja veracidade precária defende-se, assim como defendi, com unhas e dentes. Querendo me abandonar ao absurdo, ainda assim o defendo. Suspende-se a realidade, dá-se a ela, dei a ela, vida própria e *status quo* impassível de dúvida na possibilidade inconsciente de dúvida.

O cigarro em seus interlúdios chamuscantes, palavras proferidas em questionamento a prévias respostas ao abismo em frente. O grande pêndulo no seu ainda movimento.

Talvez pouco se adiantando a dúvida, afinal, se apenas se deseja, desejei, verdades. Desejo a dúvida, desfaço um pêndulo duma verdade, estou a criar outro. Feliz do homem que tenha apenas certezas imutáveis na alma, feliz do ser que teme duvidar, afinal. Fui feliz até dois minutos antes, no tempo. Pois todo e qualquer questionamento marca a égide, o epitáfio, em que se constróem as infelicidades da alma, ao se contrapor o desejo essencial da verdade sem se atingir a plenitude desse desejo. Desejando-se, o simples ato de se desejar pode ser uma prisão. Criando-se, no cárcere, um espectro, um paradigma, a partir do desejo essencial em não questionar. Questiono um pêndulo, desfaço-o.

Cinzas do cigarro em seus confins ao solo, as palavras que profere ainda a temer perguntas frente ao abismo. O grande pêndulo no seu ainda movimento.

Não questionando, apenas caminhando. Trilho esse rumo sem rumo. Nada há de maldade nisso, talvez o grande mal sendo o ato de se questionar, a ação da dúvida, o fato do dilema. Duvidando dum pêndulo, desfaço-o. Clamando-se ousados estes que duvidam, talvez apenas loucos na ânsia de criar realidades em suas respostas, a perguntas sem respostas, minhas antigas respostas a perguntas sem respostas. O pêndulo precisando de apoio, o ser precisando de apoio, o ser criando seu apoio através de seus desejos, através do desejo essencial. Pêndulo sem apoio, desfaço-o.

Máscara, corrente, ampolheta, grande livro. O grande pêndulo no seu ainda movimento.

Nada havendo de triste em apenas se desejar verdades, talvez mesmo nada havendo de triste em se duvidar. A dúvida em si não restringindo o pensamento à insanidade, meu pensamento. Ânsia desmedida, a dúvida não querendo se transformar num novo pêndulo, questiono a dúvida da dúvida. Sendo temer demais, desejar demais a essência, o ato de não duvidar, a dúvida tendo em si seu impulso criador na destruição de sua verdade questionada. A dúvida também sendo uma prisão, a dúvida era um de meus cárceres. Destruo um pêndulo, desfaço-o, hesito em criar um novo. O processo em si sendo cíclico, a dúvida nada tem de libertadora. Afinal, a dúvida também é essência dum desejo, ou sonho, duma nova verdade. A dúvida sendo ainda uma prisão, transformando e direcionando seu impulso no pêndulo duma nova verdade. Volta-se ao ponto inicial, voltei ao ponto inicial antes, a caminhada não parece ter um fim em si. Estático, desfaço, parado no ato criador do novo pêndulo. Buscando finitude num infinito, da certeza à dúvida, da dúvida talvez a uma nova certeza. Impasse, há dois minutos no tempo, duvido de minha dúvida.

Prelúdio aos Perdidos

Cortinas no grande palco ainda fechadas. Murmúrios, gargalhadas, rufares surdos de tambores. Atores no instante anterior a perfomatizar a tragédia da existência humana. Delírios de platéia infinita. Entre o grande público, duas almas a confabular seus saberes:

Manto Negro: Toma minha corrente, toma a amulheta que carrego. O contexto está a mudar, Cassius...

Manto Cinza: Não sejamos tão ríspidos, nem tampouco tão breves em nosso pensar. Não nos foi ensinado agir sem os espectros da reflexão, Faustus...

Manto Negro: Tenho lá motivos, dócil irmão. Escuta minhas palavras, escuta as vozes roucas dos silenciados que novamente murmuram em seus confins. Escuta estas palavras, não as declamo sem refletir. Não mais serei o guardião único do segredo da amulheta e da corrente, irmão. Nem tu serás mais detentor da máscara e do grande livro, irmão. O segredo da Grande Obra está em perigo...

Manto Cinza: Não ousemos proferir tanto, irmão. Nada há em se temer nesse novo fato. Nada há de mal nisso. Pouco nos foi dito, somos e seremos eternos espectadores. Tampouco agimos, delegamos a eles tal direito. Lembra-te o juramento que fizemos...

Manto Negro: O grande segredo está a cair, os véus do Grande Pêndulo estão a ser desnudados, nobre irmão. Veja as correntes que guardo. Enferrujando-se, desfazendo-se de minhas mãos agora trêmulas. Temo este presságio. Nada nos foi dito, tampouco escrito de tamanho acontecimento.

Manto Cinza: Nada escrito, nada dito. Ainda se prende a isso, irmão. Que ia adiantar algum escrito, alguma palavra

proferida, afinal? O destino apenas está a cumprir seu rumo, grandes são os presságios sem palavras, irmão. Inexoráveis, assim como tu pensou erradamente ser o segredo do Pêndulo...

Cinzas de tabaco ao chão. A platéia sem rosto a aplaudir em unísono. Cortinas a se abrir. Duas almas ainda a confabular, nos confins da platéia infinita.

Manto Negro: Temos o poder, somos guardiões das chaves do segredo da Grande Criação... ainda podemos impedir isso. Podemos tal ato... quebrando ao nosso juramento...

Manto Cinza: Faustus, nobre irmão. Sei o tanto que sabes, pois sempre fomos unos. E unos somos ao segredo e ao Pêndulo, e unos guardamos na atemporalidade suas chaves. Alterar ao ato pouco adiantará, sabes disso. Logo virá outro, e mais outro. Abriram a primeira porta, afinal. Sempre será assim, agora que a porta está escancarada. Pouco adianta alguma ação agora, pouco adianta quebrar o juramento agora. Somos espectadores, eis nosso destino, eis nossa missão...

Manto Negro: Ainda assim podemos, devemos...temo pelo futuro do segredo, temo pelo futuro da Criação. Teu livro e tua máscara também se desfazem, somem de tuas mãos, irmão... entretanto, nem ousas temer aos presságios... nem as vozes que sei que também escutas...

Manto Cinza: Temo, Faustus, temo. Sei que esse é o primórdio de nosso fim, ao menos, nunca estivemos tão próximos de tanto... ainda assim, uma hora, um momento, tamanho fato ocorreria. Sabemos disso, apenas tu não quer admitir. Nada há de novo nisso. Apenas admito, aceito o fim do Mistério. Ademais, portador da máscara que sou, gosto das tragédias, afinal... e nada mais belo do que ser espectador de sua própria tragédia, de sua própria finitude. Apenas esse direito nos foi dado. Assistamos apenas, irmão. É inútil qualquer ação agora, estáticos como sempre estivemos, estáticos ficaremos rente ao grande espetáculo que começará...

Cortinas finalmente abertas. Espetáculo finalmente em seus esperados primórdios. Público no delírio de ansiedade. O ator se dirige ao grande palco...

Sonho em K, de Daniel Gomes

Ele entra, o casaco na estaqueira e a valise na mesa de encostar ao lado do telefone sob o interruptor, que ilumina todo o exíguo ambiente que constitui um lar. O ranger das dobradiças precede o som da porta ao se fechar, num dia que termina. Mas hoje ele perde seu herdeiro, pois seu criador retrocede para o cinzento corredor, de onde observa pasmo um grande cágado virado no centro da sala.

Ele espia, sorrateiramente protegido pela madeira de má qualidade, enquanto é calmamente espiado pelo réptil em sua firme casca. Seria provável um sibilante paralelo, traçado pelo lento ir e vir de olhares em busca de compreensão. Uma conjugada e dividida aceitação do inescapável fato de que há algo além de suas proteções reais, e de estranho, onde tudo deveria ser simplesmente previsível.

Ele adentra, tartarugando pelas bordas dos móveis mudos, rumo aos corriqueiros hábitos. Primeiro vai até a cozinha, prepara um lanche e come sem importar. Em seguida vai até o banheiro, escova os dentes e encara o espelho sem admirar. Volta então a sala, confere a tranca da porta e apaga a luz sem questionar. Depois vai até o quarto, troca de roupa e deita com a leveza de um estivador que joga um saco sem saber o que contém.

Um sono tranquilo é tudo que ele pede, como se não tivesse tempo para refletir sobre seus miseráveis dias repetitivos, mas lança furtivos olhares em direção ao cágado que se esforça em mudar...

Ele acorda, dominado pelo automatismo matinal, inicia seu poderoso ritual sem poder. Primeiro vai até o banheiro, urina e toma banho... seu pensar aguarda... Em seguida vai até o quarto, boceja e coloca seu terno... seu pensar fásca... Volta então ao banheiro, espirra e penteia o cabelo... seu pensar espreita... Depois vai até a cozinha, suspira e toma um café... seu pensar desperta.

Revirado; a palavra que se forma em seu pensar reflete bem a situação. Pronto para mais um dia de trabalho ele vê um cágado no centro da sala. Pega seu casaco e sua valise sem sentido para ir e vir e vai até a porta. Gira a chave que faz pouco barulho e volta para o cinzento corredor. Desce as escadas em direção a rua que atravessa até o ponto do ônibus. Espera o tempo. Cumprimenta o velho motorista conhecido e senta no lugar de costume, próximo a uma janela.

A cidade passa por seus olhos, bela e triste donzela, que não olham para aqueles que o acompanham.

Ele desce defronte ao prédio estilo pombal. Um milagre da arquitetura moderna para prender os homens em cubículos nos quais consomem, entre papéis e telefones, seus dias de trabalho árduo e socialmente produtivo. Receber e revisar e corrigir, quando preciso, e carimbar e despachar. Um copo de café aguado. Receber e revisar e corrigir, quando preciso, e

carimbar e despachar. Um copo de café adocicado. Receber e revisar e corrigir, quando preciso, e carimbar... hora do almoço. A manhã passa rapidamente e sem problemas.

A caminhada até o pequeno restaurante onde almoça é agradável, quando não chove. O prato do dia é sempre uma boa surpresa. São em lugares como estes que se descobre que qualquer coisa pode transformar-se em uma refeição. Uma pequena sobremesa e outra caminhada em sentido contrário.

A tarde tende a ser um pouco vagarosa, os ponteiros se alinham com os homens e se movem lentamente, mas cumprem sua missão. Despachar e receber e revisar e carimbar. Um copo de água. Receber, carimbar e despachar. Um comentário sobre o tempo. Receber e despachar. Uma despedida sem despedidas.

O trajeto para casa é feito a pé, faz bem para a saúde e o espírito, dizem. Ele passa por ruas pouco movimentadas, tomando um caminho longo. Contempla a cidade onde nasceu e viveu. Seu bairro é próximo ao centro comercial, pequenos prédios e algumas casas ainda resistem ao ataque dos arranha-céus, o pão já não é mais feito em fornos a lenha.

Ao passar, ele pega a correspondência. Uma carta de seus pais que voltaram para o interior traz notícias sobre a criação, as plantas e os vizinhos. Vários folhetos sobre produtos que irão salvar sua vida da angústia pós-modernista. Algumas contas que precisam ser pagas. O elevador chega ao sexto andar, foi uma sorte ter conseguido esta cobertura em um condomínio tão simpático. Ele desce para o corredor em cinza e abre a porta que range e bate.

"Um cágado é um réptil de pescoço tão longo quanto a coluna vertebral"; isto foi tudo que ele conseguiu descobrir sobre seu hóspede. Não se pode esperar muito de um dicionário. O que fazer com um réptil de pescoço longo que está virado no centro da sala é uma pergunta que nem mesmo uma enciclopédia responderia; ele vai precisar de ajuda.

Ele, o cágado, também não deve estar entendendo muito bem o que se passa - aliás, nem eu estou entendendo. Ele continua na mesma posição do dia anterior, ou seja, revoltado com sua condição, mais uma vez ele está revirado. Começa a pensar que aquilo pode se tornar uma rotina, mais uma rotina de seu dia cheio de rotinas que mudam rotineiramente para outras rotinas.

Cansado, a idéia de rotina parece algo confortante, pois ele não sabe o que fazer com aquele pescoço longo alojado em sua sala. Acha mais fácil se dedicar aos seus corriqueiros hábitos. Primeiro vai até a cozinha, em seguida até o banheiro, volta para a sala e depois o quarto. Dorme e sonha com um soneto em seu nome.

Pela manhã, após seu circuito pelo banheiro, quarto, banheiro, cozinha e sala, pronto para mais um dia de trabalho, o telefone de enfeite toca. Um toque alto e agudo, que o impressionou pela hora baixa e grave. Ele atende seu psiquiatra com uma presteza que assusta seu hóspede ainda

sonolento. A ligação emergente remarca sua sessão para hoje, no final da tarde, quando ele poderá pedir ajuda.

A cidade fria e úmida passa como a manhã. O almoço é pouco proveitoso devido a fina chuva. O final da tarde guarda expectativas, pegar um taxi, ir ao consultório, encontrar Sofia, esperar...

Certamente é difícil, mesmo para um profissional experiente, acreditar em certas histórias contadas pelos pacientes. Casos de assassinato, de estupro, de traição, de incesto, crimes e pecados diversos perpassam o dia de um psiquiatra. Mas um cágado, um elefante, extraterrestres, vampiros, seres e mitos diversos são sempre uma curiosidade - de cunho científico, claro. A melhor atitude a ser tomada são conselhos leves, subliminares, difusos como retirar o réptil da casa, tentar descobrir quem é o dono, voltar na próxima sessão para uma análise mais profunda do caso.

Ele chega em casa com o ranger e bater da porta. Um seriado fajuto de detetive seria um pano de fundo exato. Mas antes deve cumprir sua rotina que comporta todos os cômodos de seu apartamento, com um papel pouco destacado para a sala. Ele começa a perceber que a sala realmente tem pouca utilidade em sua vida. Serve para colocar seu casaco, sua valise, o telefone e a foto dos pais, nada mais do que isto.

Imóvel, sem poder mais definir se virado ou revirado, o cágado começa a impor seu domínio. Afinal, é ele quem usa a sala. É verdade que esta situação não pode durar por muito tempo, mas nada tem de mudar por causa deste estranho evento. Ele pode ser desprezado em sua insignificância. O hóspede se sente bem e pode ficar na sala por mais algum tempo, pena ele não ter um sofá. Dorme sem sonhar.

Acorda, com a forte impressão de que tudo foi um sonho esquisito, solução simples para o problema - principalmente na prática literária. Mas isto não é suficiente para fazer com que seu visitante desapareça. Ele continua no mesmo lugar. Isto preocupa seu anfitrião indeciso, que após seus ritos vai para o trabalho.

Ônibus, janela, cidade. Receber, carimbar, despachar. Café, água, tempo. Caminhada, almoço, sobremesa. Receber, carimbar, despachar. Café, açúcar, despedida. Caminhada, bairro, pães. Para; conversa com o porteiro sobre o possível desaparecimento de um bichinho de estimação. Ninguém reclamou, mas ele vai prestar atenção, rir pelas costas. Elevador, corredor, porta.

Desconsolado, ele adentra seu apartamento já sem esperanças. O cágado esboça um sorriso de vitória, de missão cumprida. Mas, espere, sua rotina, seu ritual, seus hábitos não se alteraram. Cozinha, quarto, banheiro, é tudo que ele tem e precisa. Agora basta, o casaco na estaqueira e a valise na mesa de encostar. Acrescentado de um pequeno olhar para o centro da sala, apenas para conferir se nada mudou.

Refúgio, de Glauber Albuquerque

A lua brilha na varanda, o chão como recanto, e ali desfaço-me da realidade, abstenho o dia, mas em início ele ainda fica a atormentar, e as lembranças vêm cada vez mais doridas, e vou ainda me desfazendo, ali olhando o céu como limite, um limite ilimitável, e fico colhendo informações desse quadro surreal, até que consigo solucionar, e aos poucos, já estou vazio, de repente, percebi que havia meditado, naquele silêncio da madrugada. E a lua brilha, e parece me socorrer, parece ser a única que vê minha solidão, e dali ela parece iluminar em razão disso, e ela ilumina meu rosto, como quem foca a visão em cima de um ser perdido, ela também clareia meu corpo, e o observo, naquela carência, corpo sem toque, alma tocada, tocada por um infinito de sensações. E todo aquele surrealismo, banhado de ilusão, sonho e seres abstratos, parecem ir de encontro a realidade, criando um atalho, ou criando uma ponte decaída, e fica um sentimento devastado, pois não sei se há atalho, ou se a ponte caiu. Fico louco, e surto como um inofensivo, pois agora tomo minha mente como planeta, e ali vou me escondendo, e escondendo, e me refugio. E depois de algum tempo, eu estava falecendo o planeta terra, e estava esquecendo que havia uma presença material chamada corpo, e preocupado com os movimentos da alma e da mente, esqueci de movimentos coordenados para manter-se em equilíbrio com as pessoas da comunidade, e por isso, não acreditei quando me disseram que eu estava passando uma temporada no hospício.

Até hoje não entendo, mas disseram, que a temporada aqui vai ser bem longa, e aqui eles não me deixam ficar a madrugada a olhar o céu, muito menos deixam eu deitar no chão. Dizem que é para o meu próprio bem. Mas eu não sei mais o que é o bem, pois se eles não conhecem meu mundo, que se esconde no céu e na mente, logo eles não iram poder me dizer o que é positivo. É por isso que gosto do silêncio da madrugada, banhada de lua, mente e alma, pois esses elementos não vêm me dizer o que é bom, eles apenas se apresentam.

*A arte é primeiro espontânea,
depois intencional.*

Raul Pompéia

No quarto escuro, de Clarice e Daniel

um fio de luz
reflexo na lua
trespassa seu pesar
sozinha, na noite.

sonhos despertos em cores
projetam-se difusos
na parede lisa
muda, inocente.

floresce a primeira lágrima
vida que escapa
escura, exasperante.

segue-se o pranto
que alenta, conforta
mas não realiza.

II

uma gota de sono
peso em seus olhos
vermelhos, úmidos
mimo do corpo nu.

dispersa-se a sonolência
serena, iminente
pálpebras sem cor
fechada na noite.

cinzentas, leves
imagens cativas
em desordem.

confunde-se o beijo
tímido, arredio
lábios se tocam.

III

um meneio do silêncio
carícia no pensamento
desperta as sensações
calma, na manhã.

no quarto ainda escuro
leve som do outro
desejado amor
agora, presente.

relance de visão
adentra a penumbra
rarefeita, alegre.

esboça-se o sorriso
que transmuta, liberta
quase pleno.

IV

um sabor de concreto
aspereza em suas mãos
delicadas, expectantes
descortino do sol morno.

esvai-se o lusco-fusco
melancólico, sutil
rostos em metamorfose
dissipado na manhã.

corpos, almas
prazeres reais
e verdadeiros.

ilumina-se o quarto
homem e mulher
envelhecem juntos.

Cálida rosa, de Carine Helena e Alexandre Henrique

Da lua angustiosa, brota
o que brilha, em prata, a saudar
pingos e pingos, lágrimas doces
a flor que nasce e floresce na noite
seus espinhos, seus desejos
este irmão da loucura
com suas folhas mortas, Rosa Cálida
que inebria os buquês de perfumes castos
e perpetua o sacrifício do amor
nos olhos frágeis, lágrimas nuas
que em meu peito pinga cada orvalho cru
nossos corpos são da lua
cheia de réstias dos prismas de outros astros
inertes, a luz que flutua leve sob as estrelas
quadro do tardar amanhecer
e do perfume quase gasto da ilusão
aquela mesma que transcende os horizontes e diz adeus
te querendo como louca, a permutar sob nossos ombros
ah perfume louvável são as tuas lágrimas...
que por um segundo
rompe as eras e funde o coração
em seu lugar eterno
ao lado da lua e do sol
que se revezam entre espasmos
entre gozos lunáticos e suores cáusticos
as flores agarram o pranto
da última hora
onde a vida suplica o seu destino
findar em seu amanhecer
um resquício de noite
que ainda resta na parte negra dos olhos
todos, se rendem a luxúria
e sorriem amargamente a dor de amar
em um enorme abraço ao dia
o sol astro rei
dobra seus corpos
fere suas carnes
e o coração singelo, consola de novo
lembança: o ser afoito
a menina de saia que foge dos ventos
corre, corre... em busca da flor
mas o que fazer? a noite vem vindo
engolindo-a com seus saltos sua inocência
e lá vai ela aos lábios dos outros
e as palavras não saem como pétalas
mas ela colhe o orvalho como
rosas imperiosas
e as perpetua como sua arma
testemunhas da sua incursão
nós, os loucos de amor
que morrem e cercam-se de desejos

somos todos guardiões das rosas do planeta só
além da guarda das estrelas
além dos principados e da besta fera humana
nosso mundo contorna as reticências
em seu jardim brotam os sonhos
seu pó bruto cultiva os diamantes
e semeia certas luzes em olhos pequenos
deixando uma certa esperança no clarear da íris
e nas flores solitárias no asfalto
arrancadas a velocidade do vento
estes reflexos fazem o planeta
em luzes, ora primavera, ora outono
que iluminam as almas que perambulam por lá
em lágrimas de puro sangue
em magma dos infinitos segundos
em face dos espelhos
nas infinitas camadas de mim mesma
na palidez colorida das flores
O Amor.

*Eu escrevo como se fosse para
salvar a vida de alguém.
Provavelmente a minha própria
vida. Viver é uma espécie de
loucura que a morte faz. Vivam
os mortos, porque neles vivemos.*

Clarice Lispector

A humanidade fraterna, de Marcos Nunes

Acordei às seis ao toque do despertador; não me lembro de ter programado para essa hora da manhã mas, disposto, levantei da cama mesmo assim, dando primeiro um último abraço e um beijo em minha mulher, surpreendentemente, fugindo-me a lembrança de quando fizera isso pela última vez.

Fiz minhas necessidades, preparei meu próprio desjejum, verifiquei se as crianças estavam bem, fato também inédito em meu cotidiano; após o banho, vesti-me cautelosamente, fazendo pouco barulho, para não despertar ninguém sem necessidade. Assoviei um música sentimental, sem saber porque naquela manhã despertara mais cedo e, além disso, de excelente humor.

No corredor do prédio, encontrei um vizinho à espera do elevador. Assim que pôs os olhos em mim, sorriu com uma solicitude exagerada, perguntando ainda sobre a doença de minha esposa. Eu, que nunca havia falado do câncer dela com ninguém, fui forçado a fornecer diagnóstico detalhado, indagando logo em seguida sobre o desenvolvimento dos estudos da filha mais velha dele, como se estivesse a par do que se tratava há muito.

Tudo muito estranho: a vida de um e de outro, para ambos, era moeda corrente, mas em nenhum momento de minha vida, até ali, travara qualquer diálogo com ele além do protocolar bom dia, quando muito o como está, nada mais.

Apertamos nossas mãos à saída do elevador e nos dirigimos à rua, e não à garagem, como seria de hábito, posto que éramos dois empresários, possuíamos condução própria e há muito tomávamos qualquer direção tendo em nossas mãos volantes caríssimos.

Mesmo assim, não estranhei quando entrei no coletivo, até gostei, porque o veículo estava bem limpo, organizado, com todos os passageiros sentados, nenhum deles com fisionomia infeliz, cansada, deprimida. Há pouco, consideraria o excesso de boa vontade e candidez como demonstração de mau gosto tipicamente descerebrado, própria de novos-ricos ou, pior, de gente pobre querendo se passar por gente de bem.

Percebia mesmo que algo em mim havia mudado, porque eu mesmo refletia os comportamentos que abominava, sendo cordial, solícito, sorridente, otimista... um verdadeiro horror. Empunhei, entretanto, a bandeira da resistência e em certo momento disse até um não, recebido como autêntica piada por todos. Ora, ele disse não, que coisa engraçada!

Não nego: sempre fui um burguês cioso de sua posição, orgulhoso, sabedor dos limites impostos pelos próprios privilégios. Mas naquele dia minhas ações não eram em nada diferentes daqueles odiosos cidadãos, vestidos de maneira semelhante, quando não igual, fazendo-me notar o corte

ordinário e tecido pior ainda do terno que acreditava ser Armani.

O ar estava leve, o céu claro, manhã límpida como poucas, lembranças de filmes de família, com a diferença da multiplicidade de cores e formatos das pessoas, transitando em paisagens também fora do padrão da cidade pequena mas lotada de pequenos burgueses da risível ilusão Meio-Oeste norte-americana. Sabia que filmes como aqueles eram necessários para exemplificar um padrão ideal, mas sabia também que o ideal cultivado era um serviço prestado aos tolos; eu, como indivíduo peculiar, realizador, criativo e sobretudo excelente manipulador, não tinha nada a ver com isso. Meu mundo era o mundo feito à imagem e semelhança de meus desejos, as pessoas com quem vivia eram também pessoas como eu, longe da mediocridade, da banalidade, do consumo de bens inferiores a cem dólares.

Apesar de tudo, alimentava intimamente o segredo de saber o meu lugar, junto com a certeza de que as demais pessoas também sabiam o lugar delas, necessariamente abaixo do meu. Era um homem a ser respeitado, mesmo no interior de uma viatura pública; chateava-me, porém, a tentar mostrar meus sentimentos e vaziar somente frases chochas, sem caráter, sem a força exigida de um executivo sênior-máster como eu.

Saí do ônibus diante da companhia certificando-me do poder de minhas chaves: sim, elas estavam comigo, a chave da sala e do cofre. Tranqüilizei-me com isso.

Mais ainda com a existência mantida das simples pessoas a executar suas funções diárias: o varredor a varrer, a atendente a atender, a garçonete a servir cafés, o ascensorista a dirigir seu elevador, tudo em ordem, apesar da maldita boa-vontade que observava em todos, coisa nunca vista, além de um detalhe de péssimo agouro: a ausência dos seguranças armados à frente do portão de entrada e no hall do prédio. O que foi feito deles?

Segui hesitante até o meu andar, dirigi-me da mesma forma à minha sala, sem qualquer constrangimento ou impedimento. Em seguida, estarreci-me: mesmo antes de chegar à porta de minha sala, um funcionário abriu-a tendo à mão um molho de chaves exatamente igual ao meu. Absurdo dos absurdos; se todos possuíam chaves iguais, para que a existência de uma única chave? Fiz essa exclamação em voz alta, para ser aplaudido por toda a gente, ao que só pude reagir sorrindo, guardando as chaves no bolso, entrando na sala que deveria ser exclusivamente minha, mas deixando a porta aberta, não sem antes descobrir que haviam três pessoas lá instaladas, nesse momento descobrindo seus computadores e preparando-se para o dia de trabalho.

Não me aborreci com nada disso, ao menos aparentemente. Liguei meu próprio computador, não verificando nenhuma mudança quanto aos programas instalados, métodos de programação, acesso a funções... Mundo estranho esse, quando

todos parecem agir conforme um roteiro de seriado ordinário, daqueles programados para o início da tarde, quando só donas-de-casa e crianças fora do turno escolar podem vê-los...

O terror apossou-se de mim em seguida. Acessei a página da instituição bancária, tecliei os dados de minha conta e, através de uma ligação imprevista, fui redirecionado para outra conta, sendo informado em seguida de um estranho saldo geral, coisa de trilhões, mas não de dólares. Quando vi a expressão UT antes da cifra dei-me conta de imediato que UT era a sigla para Unidade da Trabalho, sendo o valor expressão do geral, existindo uma tecla através da qual consegui chegar ao meu cadastro e ao saldo disponível, nada além de seiscentas e oitenta UT's. Perguntei a quem trabalhava ali ao meu lado se o saldo estava correto, e ele disse que sim: todos os saldos eram de seiscentas e oitenta UT's, bastava dividir o saldo geral pelo número de habitantes para chegar ao saldo particular. Mas para que se importar com isso?

Não devia ter perguntado, até porque sabia da resposta, mas como?

Por isso toda aquela humanidade fraterna, os lixeiros solícitos, serventes sorridentes, porteiros amigos, motoristas camaradas. Todos eles, pelo trabalho ordinário que realizavam, ganhavam exatamente o mesmo que eu, não importando se, afinal, alguém passava o dia fritando ovos enquanto outro tinha a incumbência de projetar fornos, fogões ou realizar os desenhos das frigideiras, muito menos criar galinhas e preparar os projetos de exportação de animais congelados, industrializados, com marca e bom percentual de controle do mercado.

Aquilo não devia, até porque intimamente sabia de tudo que acontecera, mas o fato de possuir consciência não me presenteou com a liberdade; saber deixava-me louco, com uma fúria incapaz, contida, presa em seus gestos, a distribuir sorrisos quando gostaria mesmo era de estapear aquela gente que ocupava minha sala, expulsando-os dali, colocando-os em seus devidos lugares.

Nunca fui um homem dado a ódios, considerava sentimentos assim como menores, típicos de uma humanidade mesquinha, invejosa, rancorosa, sobretudo ressentida. Olhava para todos que lotavam aquela sala, o andar, o prédio, e não via nem mesquinharia, nem inveja, nem rancor, e muito menos ressentimento. Uma úlcera crescia em meu cérebro, e logo o maior ressentido era eu, obrigado agora a trabalhar para o bem comum, dividir meus ganhos, desconhecer o significado da palavra lucro, desarmar minha política diversionista, cerrar fileiras com toda aquela gente execrável, nascida dos piores pesadelos de um roteirista ruim.

Chamei minha secretária, ela se aproximou sem qualquer afetação, nenhum sentimento de inferioridade mas também nenhum revanchismo. Ela era ela e eu era eu; assim, tudo que

pude fazer foi requerer a execução de tarefas já esperadas, logo cumpridas com satisfação, motivando estertores biliares mal disfarçados diante dos olhares de uma candidez tão irreprochável quanto insuportável.

Tenho que lembrar do passado, e dizer: sempre fui um chefe competente, nunca exigi de ninguém nada além do que seus cargos capacitavam, descontando, obviamente, algumas horas extras, minutos roubados do almoço, respeito subserviente, tolerância a carícias inadequadas e indesejadas, coisas comuns a todo ambiente de trabalho onde não se pode dar a entender a falta que o trabalho de cada um pode fazer, mesmo quando se exige mais e mais trabalho por cada vez menos remuneração. Afinal, como impor a ordem e a imperiosidade da realização de trabalhos maçantes sem a existência da boa hierarquia, provada e comprovada guia do desenvolvimento dos povos?

A falta que sentia dos olhares de secreto desprezo deixava-me louco. Onde estava a inveja, a ganância, o desejo de me ver falido, à miséria, de tripas expostas em um beco sujo, enterrado como indigente, preso em função de algum escândalo financeiro, escolhido como bode expiatório?

Sorri em frente ao computador, ciente de tudo mas como imerso em um sonho mal. Certamente nada do que acontecia ali era verdadeiro, existia com certeza um Grande Irmão, atrás de um exército maior ainda, além de guardiões da Constituição, polícias secretas, agentes infiltrados, o diabo. Se passamos décadas e décadas apontando para a complexidade do universo como impedimento à realização das róseas utopias humanistas, milhares de volumes e milhões de páginas não poderiam ser sepultadas simplesmente de um dia para o outro, eliminando-se o lucro, até mais, o próprio dinheiro, como se isso bastasse para extinguir a fúria competitiva inerente a cada ser humano, incapacitado assim de partir munido de sua vaidade à satisfação de todos seus desejos, contrariando qualquer lei e ordem; mais que isso, forjando todas as leis e ordens para satisfação de seus próprios desejos, enquanto as mesmas serviriam para castração alheia, condenando-os a tomar o mundo como um vale de lágrimas onde a liberdade só se obtém através da morte, condutora de todo inocente ao hipotético paraíso dos inocentes.

Nossas crenças não foram vãs, tanto não eram que, afinal, um mundo havia para obedecer aos nossos princípios, inquestionáveis e veneráveis, nascidos no princípio dos tempos e eternizados pela nossa augusta divindade.

Mas o que houve? Será que foi somente hoje um despertar de más lembranças, de um mundo há muito enterrado, a ressurgir em minha memória como neurônios doentios a disparar pura insensatez?

Logo a secretária voltou com um sorriso e a demonstração do feito correto, preciso, limpo, indiscutível,

incriticável. Minha vida ali não valia nada, quanto poderia suportar daquilo tudo, quanto tive que suportar até ali?

O telefone tocou, era minha mulher para avisar sobre a necessidade de passar na volta do trabalho na casa de nossos pais e trazê-los para o jantar comunitário especial. Como? Jantar comunitário especial? Indaguei para lembrar sozinho do que se tratava: apenas uma reunião semanal com todos os ex-integrantes da velha sociedade, onde todos colocavam-se à mesa e partilhavam refeições e experiências com aqueles que anteriormente foram humilhados à serviço do orgulho de cada família abastada, cada qual cumprindo sua alegre reeducação ao lado de seus velhos companheiros explorados.

Foi demais para mim, não pude resistir àquilo. Semanas e semanas de íntima humilhação voltaram para desreprimir o ódio de meu combalido coração: soltei um urro, mas um urro tão impressionante que fez calar todo andar, senão todo prédio.

Desculpe, desculpe, foi tudo o que pude dizer. Dei uma canelada na mesa, expliquei. Todos sorriram, sem qualquer constrangimento.

Minuto a minuto aproximava-se a hora do almoço. Novamente o terror tomava conta de mim, pensando no refeitório comum a todos, tão diferente do elegante restaurante onde passava duas ou três horas refestelando-me na companhia de amigos (e até de concorrentes), bebendo muito vinho francês acompanhado dos mais finos pratos. Certo estava que o mesmo restaurante servia repasto para todos, mas seria tudo muito diferente. Horários fixos, meses vagando uma após a outra, ocupadas por pessoas sem qualquer refinamento, por mais que bebessem vinho francês e degustassem as melhores delícias do norte.

Percebi a existência de algum relógio secreto a dirigir as pessoas para o corredor, enquanto outras permaneciam tranqüilas e sentadas como eu. Havia uma consciência de turnos sem qualquer necessidade de buzinas ou sirenes. Olhando em torno, descobri de fato a inexistência de relógios de parede, como a ausência do Rolex de ouro no meu pulso, aliás como algo que nunca tivesse estado ali. Resignei-me, silenciosamente, a esperar, continuando a manipular dados no computador, com uma diligência que me exasperava. Tentava, estupidamente, sabotar o trabalho, mas tudo que conseguia eram soluções melhores e melhores, colocando a possibilidade do cumprimento exemplar de minhas tarefas do dia em apenas quatro horas, empurrando-me não para a rua, mas para a descoberta de outras tarefas a realizar, com mais diligência ainda!

Sentia-me, enfim, como as frias criaturas daquele filme Os invasores de corpos, não por acaso um exemplo e evidente contra-propaganda dos efeitos da ideologia comunista. Contudo, eu era eu, sentia, ou não sentia.

O desespero, enfim, varreu-me por completo. Finquei pé na grande verdade segundo a qual ninguém pode contrariar o

seu destino, dirigindo-me assim à janela aberta, supondo fácil jogar-me dali do vigésimo andar e estatelar-me na calçada, com a satisfação adicional, talvez, de atingir algum transeunte desavisado, matando mais alguém.

Suposição tola. Como que guiados por um Grande Grande Enormíssimo Irmão, como por milagre uma dezena de pessoas interrompeu o prazer do suicídio, agarrando-me pelos ombros, pernas, braços, cintura, enquanto diziam palavras doces, de amizade, de compreensão.

Então não havia mesmo jeito, descobri ali. Eu não existo.

Mas não foi outro que chorou no primeiro ombro amigo e contou suas misérias. Não foi outro que voltou à mesa de trabalho, realizando em um único dia trabalho digno de uma semana inteira.

Ao final, telefonei para minha mulher certificando a busca dos velhos parentes. Certamente seria ótimo mais aquele jantar, repleto de comiseração, piedade, aflição, culpa, e tantos mais sentimentos humanos. Teria que me acostumar a isso, como posso me acostumar com a existência de espaços delimitados: esquinas, sinais de trânsito, paredes, cidades, prédios, guardas de trânsito. Afinal, se antes sonhava que era livre mesmo com tantas provas do contrário, agora, certo da inexistência desse sonho, talvez esteja a viver como um sonâmbulo essa utópica liberdade, vagando pelos cômodos da minha casa, à procura da janela aberta de onde possa me lançar, esquecido das dimensões, espaços, ou a alimentar a esperança medieval de ser um anjo, possuir asas, ver o mundo com os olhos de um deus esquecido, cujo nome estava inscrito em notas de dólar, a única verdade que havia - até hoje.

E o Corvo disse: "Nunca mais."

Edgar A. Poe

Posfácio - os "ismos" e os "istas", de Laís Corrêa de Araújo

O sufixo "ismo" é de origem grega e sua função é a de acrescentar à palavra-raiz um novo sentido, que amplia o vocábulo e lhe dá característica própria. Quando falamos, por exemplo, Marxismo, estamos explicando que se trata da filosofia, da doutrina, do sistema baseado nas proposições do pensador Karl Marx. Quanto ao sufixo "ista", é usado para qualificar um indivíduo, mostrando-o como seguidor de um sistema determinado - e assim dizemos simplesmente as palavras marxista, comunista, anarquista, fascista, etc.

O problema é que a linguagem é, muitas vezes, usada para rotular, classificar, conceituar algo que não conhecemos bem e que o nosso senso comum, vulgar, nos indica como indicador da atitude ou do pensamento de um ser humano. É uma forma grosseira de expressar um "juízo" a respeito do outro. Um exemplo é dizer que o anarquismo ou o anarquista reúne as peculiaridades da confusão, da bagunça, da desobediência, quando a palavra-origem (grega, de novo) significa o "não" ao poder e a capacidade do indivíduo de governar-se sozinho, rejeitando o domínio do Estado. Também é mais fácil dizer que "Fulano é comunista" quando alguém luta pela igualdade social, o fim do uso dos empregados pelos patrões, a liberdade de ter ou não sua crença, sua religião. Nesse caso, podemos até classificar o Cristo como comunista, porque ele defendia os pobres, os excluídos, prostitutas e a horda de gente desprezada pela sociedade...

Trata-se, no fim das contas, de preguiça mental, de ignorância ou de simplória acomodação ao uso geral das palavras. Ninguém ou quase ninguém se interessa em buscar a origem (a etimologia) e o verdadeiro sentido (a semântica) de nossa fala. Nós queremos é simplificar, dar um rótulo, uma classificação, usar uma etiqueta para não termos o trabalho de entender, de compreender, de "gastar a cabeça" com o raciocínio e os fundamentos lógicos dos termos da fala cotidiana. Essa atitude, porém, nos leva também aos argumentos vazios ou tendenciosos. Se eu digo que, no Brasil, há uma crônica "má distribuição de renda", sempre me respondem com uma pergunta idiota - "por que você não vai para Cuba? - para a Rússia? - para a China?" - como se eu não estivesse falando de problemas brasileiros, nossos, de nosso povo. Quanta tolice existe na boca dos que se assustam com mudanças, com o que é novo e diferente! É por este medo que o "capitalismo" e o "aristocratismo" nos tornam "conservadoristas", aqueles que não querem se mover de seu lugar, os "deixa como está!" É por este medo que os poderosos não dão valor à educação e à arte, à cultura - o medo de ficarmos sabendo, criticando, colocando em dúvida seus decretos e seu "autoritarismo" sobre nossa consciência.

Temos, ao menos, de saber jogar as cartas de baralho da linguagem, os "ismos" e os "istas" com um pouco de cuidado, para não sermos vencidos também no jogo da vida.

Fanzine Literário

Bizarrona

versão eletrônica



www.geocities.com/bizarrona

*Aqueles que sabem, inspirarão os agitadores,
e os que agitam, incitarão os conhecedores.*